

Imagens urbanas na caricatura gaúcha do século XIX

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

71



UNIVERSIDADE
AbERTA 

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Imagens urbanas na caricatura gaúcha do século XIX





CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Imagens urbanas na caricatura gaúcha do século XIX



Cátedra CIPSH
de Estudos Globais

2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2024

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Marcelo França de Oliveira

1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Imagens urbanas na caricatura gaúcha do século XIX
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 71
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Abril de 2024

ISBN – 978-65-5306-044-9

CAPA: A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 14 jul. 1867.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

Apresentação

Os caminhos e descaminhos das principais urbes sul-rio-grandenses constituíram pauta da caricatura expressa pelos seus periódicos ilustrados e humorísticos, os quais lançaram seu olhar crítico e jocoso sobre várias das incongruências que marcaram a formação das cidades de Porto Alegre, do Rio Grande e de Pelotas. A urbanização implica na “multiplicação dos pontos de concentração e pelo aumento de tamanho das concentrações individuais”¹ e, em seu contexto, “a complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial”. Isso se realiza “via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infraestrutura” e também da “mudança do conteúdo social e econômico de determinadas áreas”. Em “cada transformação do espaço urbano, este se mantém simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, ainda que as formas espaciais e suas funções tenham mudado”².

¹ REISS JR, Albert J. Urbanização. In: SILVA, Benedicto (dir.). *Dicionário de Ciências sociais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 1277.

² CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989. p. 11.

Dessa maneira, “a cidade torna-se um organismo cada vez mais complexo”³, envolvendo condicionantes diversificados, como os históricos, os geográficos, os sociológicos, os político-ideológicos e os socioeconômicos. Assim, para além da “simples condição objetiva de vida”, a cidade “supõe direção, gestão, atividades sociais, políticas, religiosas, etc.” e, “em certo sentido é também cultura, e por isso guarda a dimensão do humano”⁴. A edificação do urbano envolve elementos constitutivos como a “forma espacial da cidade e da rede”, a “paisagem e as funções urbanas”, os “agentes sociais envolvidos no processo de produção e das relações entre eles” e as “articulações com espaços externos ao da rede”⁵.

A partir do processo de ampliação dos quadros urbanos, “a cidade recebeu diretamente as consequências do rápido crescimento populacional”, passando, a partir deste, em “nível de estruturação de seu espaço interno”, por “muitas transformações”. Tal processo trouxe consigo “uma desordem muito grande na paisagem e na malha urbana”, aparecendo características como “ruas estreitas demais e insuficientes para a circulação das pessoas” e “dos veículos”, além de vários outros elementos. Nesse sentido, “a cidade era a própria desordem”, surgindo

³ HAROUEL, Jean-Louis. *História do urbanismo*. Campinas: Papirus, 1990. p. 110.

⁴ CARLOS, Ana Fani A. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1992. p. 81.

⁵ CORRÊA, Roberto Lobato. *A rede urbana*. São Paulo: Ática, 1989. p. 79.

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

diversos “‘problemas’ urbanos”⁶. Desse modo, a expansão urbana traz consigo um alto preço, uma vez que “a lei do crescimento urbano significou a inexorável destruição de todas as características naturais que deleitam e fortificam a alma humana em suas atividades diárias”⁷.

Nessa linha, “a cidade se estende desmesuradamente, ela explode”, constituindo um processo que fica envolvido na “urbanização da sociedade”⁸, em um quadro pelo qual “a cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes” e “com sua história”. Assim, “a cidade tem uma história”, sendo “a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas”. A cidade pode ser considerada dessa maneira, “como obra de certos ‘agentes’ históricos e sociais”, o que “leva a distinguir a ação e o resultado, o grupo (ou os grupos) e seu ‘produto’”⁹.

As imagens do urbano tiveram na arte litográfica uma de suas fundamentais formas de difusão ao longo do século XIX. Nesse quadro, “os padrões estéticos

⁶ SPOSITO, Maria Encarnação B. *Capitalismo e urbanização*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1989. p. 55-58.

⁷ MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 462.

⁸ LEFEBVRE, Henri. *A cidade do capital*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 178.

⁹ LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. 5.ed. São Paulo: Centauro Editora, 2011. p. 51-52.

expressos nesse processo de produção de imagens de paisagens guardavam muito da formação de origem de seus artistas". Ainda assim, "novas experiências e soluções, desenvolvidas para um público mais amplo e menos elitizado, conferiram a esses produtos particularidades que", de certa forma, "alteraram os padrões de representação visual então vigentes"¹⁰, como foi o caso das criações caricaturais fosse por meio de seu espírito de fundo crítico, fosse no aspecto descritivo, bem exemplificadas pela iconografia dos periódicos humorístico-ilustrados ao retratar certos detalhes das cidades de Porto Alegre, do Rio Grande e de Pelotas.

¹⁰ ZENHA, Celeste. O negócio das "vistas do Rio de Janeiro": imagens da cidade imperial e da escravidão. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n. 34, jul. - dez. 2004, p. 28.

SUMÁRIO

A capital gaúcha na segunda metade dos anos 1860 / 15

**Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas nas décadas de 1870
a 1890 / 37**

A capital gaúcha na segunda metade dos anos 1860

Nos anos 1860, a cidade de Porto Alegre completaria um século de sua condição de centro administrativo no contexto sul-rio-grandense, encontrando-se em etapa de vários progressos urbanos, os quais, como não poderia deixar de ser, foram acompanhados por diversos limites normalmente impostos aos núcleos urbanos. A imprensa teve um papel significativo para expressar esses avanços e recuos da urbanização, como foi o caso da publicação caricata *A Sentinela do Sul*. Precursora do jornalismo ilustrado-humorístico gaúcho, *A Sentinela* constituiu um periódico moderado em relação aos seus congêneres, além de ter mantido um padrão gráfico de excelência, tendo circulado entre 1867 e 1868.

Uma das maiores preocupações do semanário porto-alegrense foi a divulgação de opiniões e informações a respeito da Guerra do Paraguai, pauta extremamente recorrente em suas edições. Dizia ter por base editorial a crítica, mas garantia que a mesma seria manejada com discernimento, não ultrapassando as raias da justiça e da honestidade, vindo a ferir apenas com base na razão e nos limites da decência. Quanto às representações caricaturais, considerava que seriam como o seu “sal ático”, pretendendo, em “tom jocosério”, dizer muitas verdades, se esforçando com desenhos e palavras “para castigar o crime, a hipocrisia,

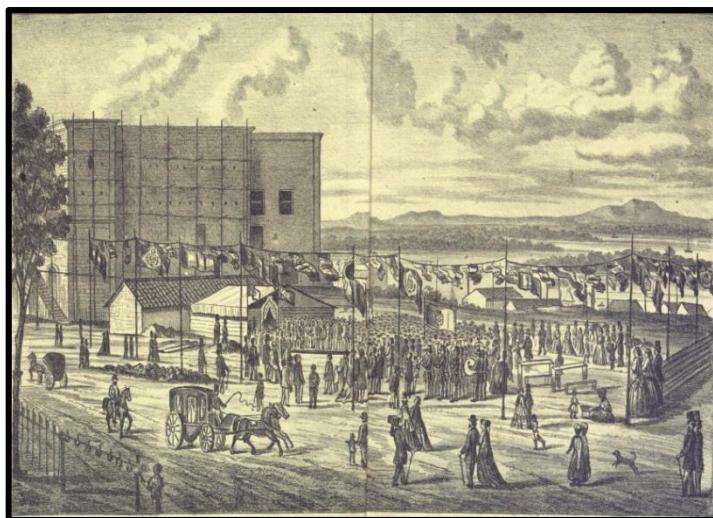
a ignorância e a vilania”¹¹ (*A SENTINELA DO SUL*, 7 jul. 1867). A redação de *A Sentinela do Sul* foi representada por dois personagens que se tornaram verdadeiros protagonistas nas páginas do semanário, com a constante presença do “Redator”, homem maduro, normalmente vestido a rigor, com cartola e guarda-chuvas, e do “Piá”, jovem negro que percorria a urbe em busca de notícias.

Uma das primeiras representações da cidade de Porto Alegre na *Sentinela* foi a de uma rua citadina, percorrida por alguns habitantes. O mote era a crítica de costumes, referindo-se à moda e à propalada submissão das pessoas para com ela, mormente no que se refere às representantes do sexo feminino. Ao mostrar um segmento citadino, a conversa entre o Redator e o Piá tratava o tema de maneira jocosa, pela necessidade de muitos de “sempre andar no rigor da moda”. Passando da expressão por meio da arte caricatural, o periódico trazia a representação descritiva, apresentando a “cerimônia de lançamento da pedra fundamental do Novo Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência”, apresentando a cidade em ato festivo, com embandeiramento, banda de música e significativo

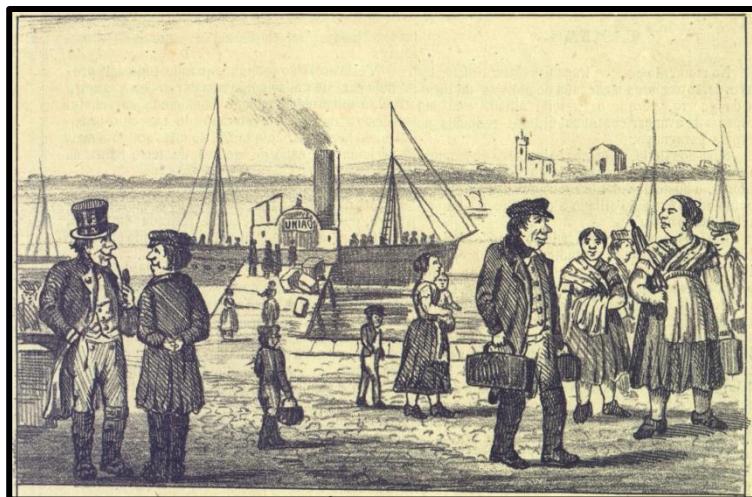
¹¹ Sobre *A Sentinela do Sul*, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13-27.; ALVES, Francisco das Neves. *O primeiro periódico caricato sul-rio-grandense e as imagens do feminino (Sentinela do Sul, 1867-1868)*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 7-14; e ALVES, Francisco das Neves. *A mulher transmutada em símbolo no periodismo caricato porto-alegrense do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 9-11.

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

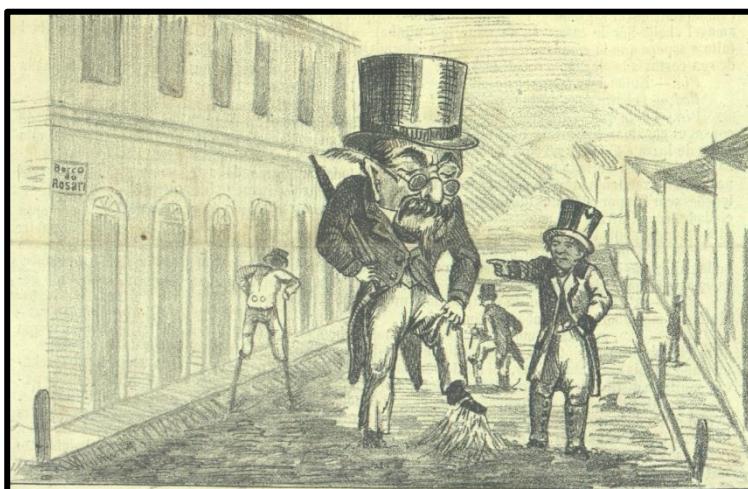
fluxo de público. A ideia do hebdomadário era a de registrar aquela solenidade para “perpetuar a memória desse brilhante ato” (A SENTINELA DO SUL, 14 jul. 1867).



Outro cenário apresentado pela *Sentinela* foi o do ambiente portuário citadino, mostrando o “movimento da praça de Porto Alegre”, ao traçar um paralelo entre o movimento de “importação”, que se referia às tantas levas de imigrantes que chegavam para colonizar o Rio Grande do Sul e o de “exportação”, com a partida de tropas para o teatro da guerra, com conflito bélico realizado contra o Paraguai, para o qual grande parte do contingente era formada por sul-rio-grandenses (A SENTINELA DO SUL, 4 ago. 1867). Ao passear pela cidade, o Redator e o Piá constatavam as dificuldades de locomoção, tendo em vista a sujeira e o barro que tomavam conta dos caminhos, obstaculizando as caminhadas, chegando a, jocosamente, levar ao uso de pernas de pau para enfrentar os óbices (A SENTINELA DO SUL, 18 ago. 1867).

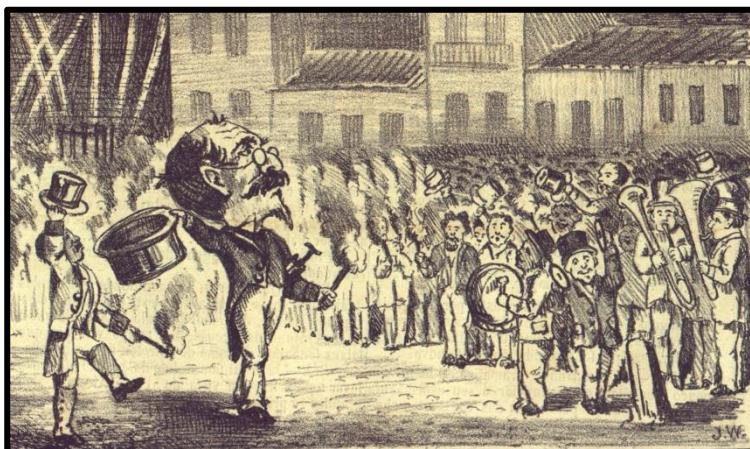


IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX



As ruas da capital gaúcha estiveram presentes em mais uma ilustração de *A Sentinela do Sul*, com o Redator e o Piá tirando suas cartolas para saudar a festividade que contava com aglomeração pública e iluminação especial. Tratava-se de um ato público em comemoração

à “notícia da passagem de Curupaiti pela esquadra”, um episódio da Guerra do Paraguai, que trouxera consigo “um entusiasmo febricitante na população da capital, que mais uma vez deu manifesta prova do seu elevado patriotismo”. A folha descrevia as “manifestações populares”, nas quais “tudo se combinou para proporcionar larga expansão ao regozijo do povo por tão importantes notícias” (A SENTINELA DO SUL, 1º set. 1867).



As enchentes foram outro tema abordado pelo periódico ilustrado porto-alegrense, que descreveu as “inundações”, em um quadro pelo qual “todos os rios estão cheios” e “as estradas impraticáveis”. As águas chegariam às ruas da capital rio-grandense-do-sul, tanto que, chistosamente, o Redator e o Piá se utilizavam de um bote para deslocarem-se pelos caminhos porto-alegrenses. Tais personagens chegavam a manifestar o desejo de que não viessem “novas chuvas porque essa

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

estação invernosa fora dos limites e em época imprópria tem causado grandes males". Por outro lado, recordavam "da brincadeira dos passeios de canoa na Rua 7 de Setembro" (A SENTINELA DO SUL, 1º set. 1867 e 8 set. 1867).



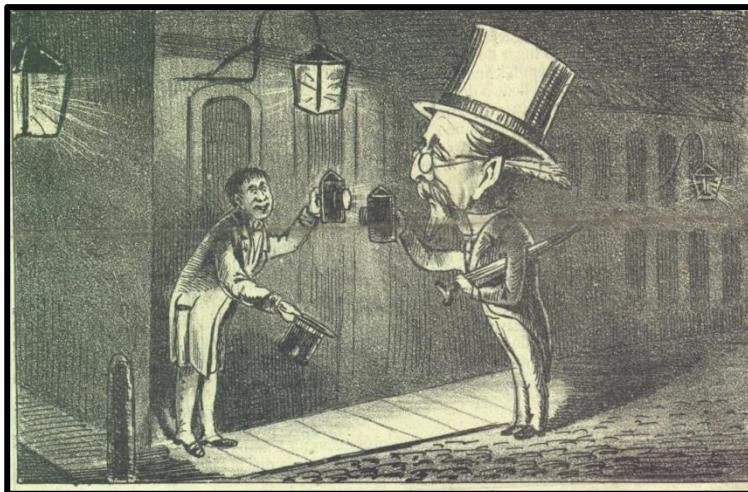
O espaço urbano porto-alegrense servia mais uma vez de cenário às representações caricaturais de *A Sentinela do Sul*, no qual estariam "o Redator e o Piá fazendo exercício na Várzea", ambos uniformizados e supostamente prontos para partir em direção ao teatro da guerra, em alusão à mobilização de forças para fortalecer as tropas de combate na Guerra do Paraguai (A SENTINELA DO SUL, 27 out. 1867). Outro ponto negativo nas ruas da cidade apresentado pelo primeiro semanário gaúcho foram os defeitos na iluminação citadina, tanto que o Redator e o Piá, para se descolarem na escuridão da noite, precisavam carregar suas próprias

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

lanternas. A legenda era lacônica e incisiva: “O moderno sistema de iluminação pública em Porto Alegre”, havendo também o gracejo de que o Piá estava “fazendo serviço de iluminação pública”, andando “feito lanterna ambulante”, uma vez que “o novo arrematante”, responsável por tal serviço, era “um grande financeiro, que queima óleo de péssima qualidade”, deixando “apagar-se os lampiões pouco depois de acendê-los” (A SENTINELA DO SUL, 3 nov. 1867).



IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX



Em uma onda de intenso calor, Redator e Piá tinham dificuldades para se deslocar pela rua em Porto Alegre, enxugando o suor com seus lenços. Os personagens reclamavam “Irra, que calor!!”, estando “suando por todos os poros” e ainda tendo “de aprontar” o próximo número, o que seria uma demasia, pois, “com um calor destes ninguém trabalha, só nós pobres rabiscadores temos de entrar nesta chalaça”. Eles se referiam ao “calorzinho desses últimos dias”, o qual seria “de tirar couro e cabelo”, surgindo na conversa entre ambos a admiração pelo fato da capital não possuir “ainda um estabelecimento para banhos no rio”, pois haveria “grande conveniência na fundação de semelhante estabelecimento, que seria enormemente frequentado e faria ótimo negócio”. A argumentação era a de que em localidades avançadas tal empreendimento era comum, surgindo o argumento de que “em todas as cidades da Europa existem idênticos estabelecimentos e

o Rio de Janeiro também já possui alguns". O diálogo levava à conclusão de que "as despesas a fazer-se não excedem a alguns contos de réis, e o lucro é certo e infalível", além de trazer "grandes vantagens à higiene pública, porque a falta de lugares próprios para tomar-se banho é muito sensível" (A SENTINELA DO SUL, 1º dez. 1867 e 8 dez. 1867).



O sistema de iluminação pública da capital riograndense esteve mais uma vez sob o crivo da óptica crítica de *A Sentinela do Sul*, chegando uma das luminárias a cair na cabeça do Redator, dando-lhe um susto e arruinando sua cartola, vindo a surgir a caracterização de "inconvenientes dos lampiões". Diante do ocorrido, o Piá desejava "que o desastre do lampião, que outro dia lhe desabou sobre a cabeça, não lhe causasse incômodo maior", e o Redator respondia: "Escapei com o susto, mas o meu amável chapéu, amigo

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

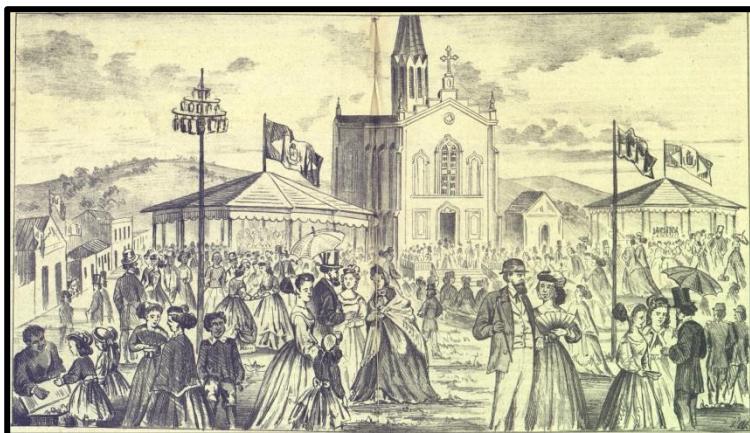
fiel de muitos anos, sofreu horrível avaria" (A SENTINELA DO SUL, 8 dez. 1867). Dentre outros males enfrentados pelos porto-alegrenses estava o movimento dos areais, que invadiam a cidade e criavam profundos incômodos para os transeuntes, que chegavam a ter de proteger-se com um guarda-chuva, tanto que o periódico constatava uma "nova utilidade do chapéu de sol" (A SENTINELA DO SUL, 15 dez. 1867).





Em deslocamento efetuado a cavalo e de carroças por parte da população, o Redator e o Piá dirigiam-se “em caminho para o Menino Deus”, para “as festas” realizadas nessa zona porto-alegrense, a qual foi categorizada como “esplêndida e bem concorrida”, com iluminação realizada com “luz elétrica de belíssimo efeito”, entretanto, “os lampiões de cores tinham sido mal amarrados e por isso caiu a maior parte e foi preza da molecagem” (A SENTINELA DO SUL, 5 jan. 1868). Na edição seguinte, o semanário reproduzia uma cena da “festa do Menino Deus”, com enorme frequência de público, a qual surgira como oportunidade para as pessoas utilizarem suas roupas domingueiras, definidas como “a fantasia dos povos civilizados”. Entusiasmado com os festejos, o Piá chegava a lamentar-se, dizendo que “é pena que todos os dias não haja festa no pitoresco arraial do Menino Deus” (A SENTINELA DO SUL, 12 jan. 1868).

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX



O excesso de insetos foi também um dos males que atingiam a capital gaúcha apontado pela *Sentinela*, com o Redator e o Piá se esforçando para livrar-se dos gafanhotos, havendo até uma alusão bíblica para

caracterizar o momento, com a referência à “praga do Egito em Porto Alegre”. Os personagens que protagonizam as construções imagéticas do periódico conversavam sobre a presença nunca antes vista de tantos gafanhotos. Já no que tange às causas de tal invasão, o semanário tratava-as jocosamente, apontando que poderia ser um dos prenúncios, dentre outros que viriam em seguida, “anunciando o fim do mundo” (A SENTINELA DO SUL, 26 jan. 1868).



Ao lado das representações calcadas na arte caricatural, o hebdromadário porto-alegrense também buscou trazer matérias que envolviam a construção textual associada à notícia iconográfica. Foi o caso dos informes a respeito do “novo edifício do Arsenal de Guerra”, fato intensamente coberto pelo periódico, bem de acordo com o interesse e o espírito público de então, fortemente marcado pelo desenrolar da Guerra do

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

Paraguai. O Rio Grande do Sul já fora invadido nos primórdios do conflito, de modo que as providências defensivas eram vistas com bons olhos por parte da população. Além disso, havia a intenção de embelezar a cidade a partir da edificação de prédios novos. Nesse sentido, a *Sentinela* dizia que oferecia aos seus “leitores a estampa do novo edifício do Arsenal de Guerra, que, acabado há pouco tempo, tanto contribui para aformosear a nossa cidade”, o qual estaria “tão pouco provida de edifícios de verdadeiro bom gosto e aspecto imponente”. A folha se referia aos responsáveis pela construção e o passo a passo do erguimento do prédio, o qual era qualificado como “lindo e de imponente aspecto”, além do que, “a elegância de sua construção só pode ser excedida pela solidez da mesma”. Descrevia ainda que “o bem acabado e a perfeição da mão de obra, só podem ser excedidos pelo apurado gosto e bom aproveitamento dos cômodos para serviços a que se tem de prestar”. O semanário afirmava também que “a necessidade de possuir a capital da província do Rio Grande um arsenal digno do seu adiantamento e progresso”, bem “como da importância militar da província, há muito que era reconhecido e saltou na vista de todos durante a presente guerra”, em que “o arsenal de Porto Alegre prestou os mais relevantes serviços equipando os exércitos e fornecendo, durante longo tempo, quase todos os objetos necessários”. A publicação caricata se propunha a “completar a tarefa” que se impusera, estampando nos “seguintes números as vistas das diversas oficinas do novo prédio”, realizando assim “um tributo justo” aos responsáveis pelo erguimento do edifício em pauta. Levanto em conta tal anúncio, foram ainda divulgadas imagens do “antigo edifício do Arsenal

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

de Guerra", a "oficina de ferreiros e latoeiros", o "salão onde funcionarão as máquinas", a "oficina dos alfaiates", a "oficina dos coronheiros e correeiros" e uma "vista do interior dos baixos do novo Arsenal de Guerra" (A SENTINELA DO SUL, 9 fev. 1868; 16 fev. 1868; 1º mar. 1868; 22 mar. 1868 e 29 mar. 1868).



O novo edifício do Arsenal de Guerra.
(Copiado de uma photographia de Thomas King).

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

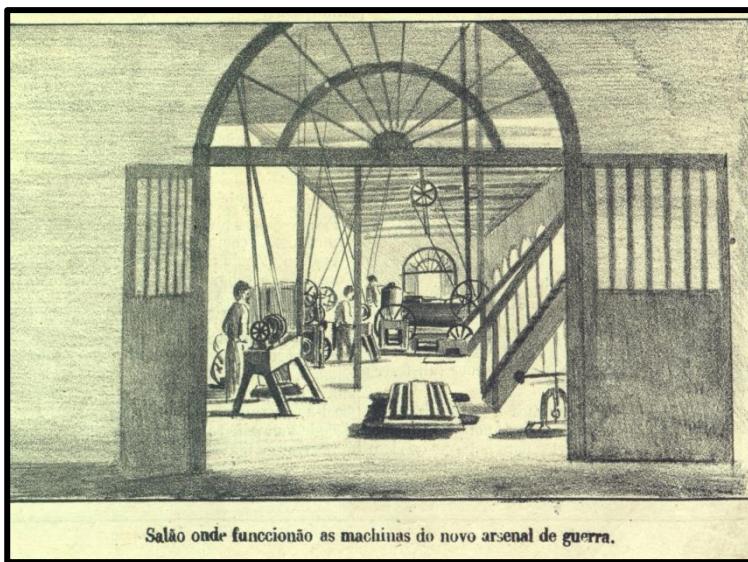


O antigo edifício do Arsenal de Guerra.
(Copiado de uma photographia de Thomaz King).

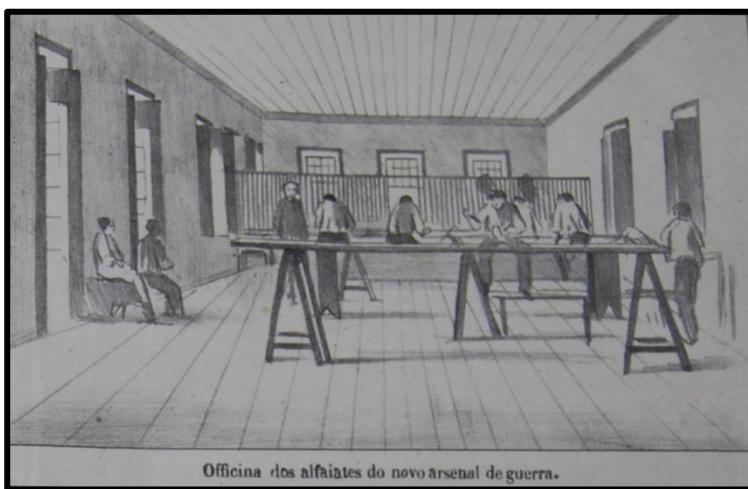


Oficina de ferreiros e latoeiros do novo arsenal de guerra.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

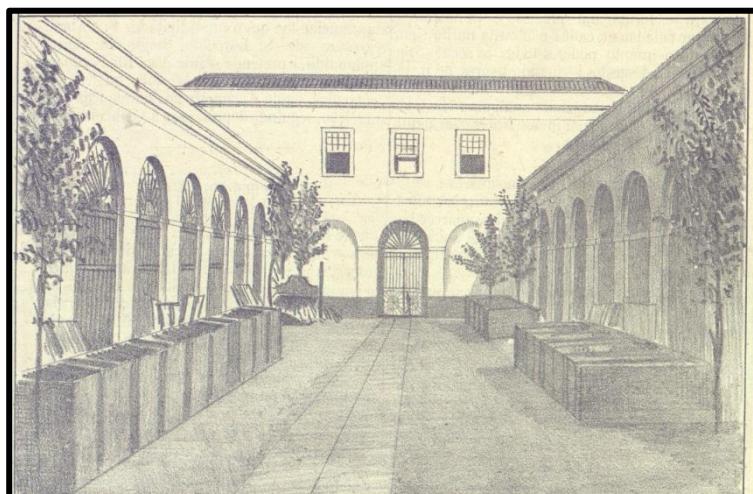


Salão onde funcionão as machinas do novo arsenal de guerra.



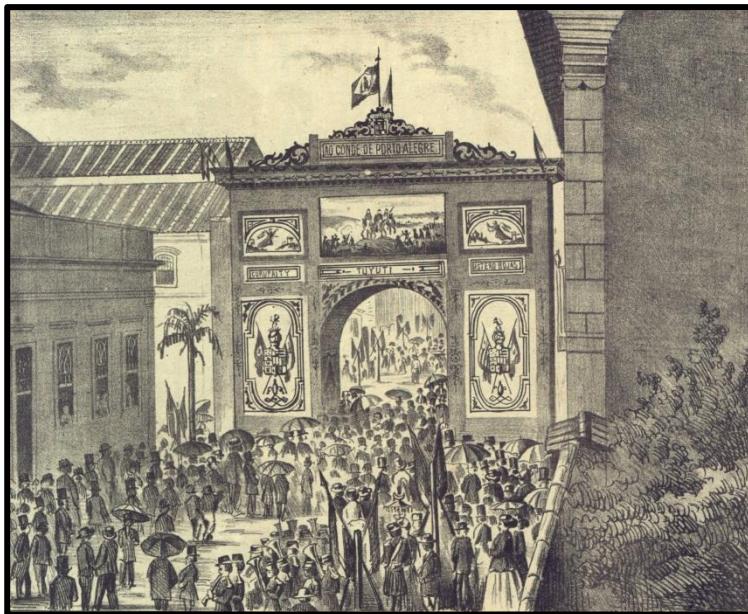
Officina dos alfaiates do novo arsenal de guerra.

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX



Um outro festejo que mobilizou a capital provincial, mais uma vez com a presença de grande público e que esteve entre os registros de *A Sentinela do Sul* foi “a recepção do general Conde de Porto Alegre”. A publicação ilustrada se associava às festividades, “dando aos leitores a vista do magnífico arco de triunfo elevado na frente do palacete” que pertencia ao militar gaúcho homenageado, cujo erguimento teria se dado “em honra ao intrépido herói”, que lutara na Guerra do Paraguai. A folha congratulava-se “com o povo da capital pelo feliz regresso do exímio general ao seu lar doméstico e ao centro dos seus inúmeros amigos e apreciadores”. Referia-se ainda ao “fervor” dos “festejos populares”, tendo sido “o herói rio-grandense alvo das mais sinceras ovações”. Em conclusão, a redação do periódico declarava que “a *Sentinela* por sua vez tenta contribuir para essas manifestações do povo, perpetuando em suas páginas a vista do arco triunfal”, que fora elevado levando em conta “a gratidão e o entusiasmo do povo de Porto Alegre”, bem como o “momento em que o festejado general ia passar por esse símbolo de amor, que lhes votam os porto-alegrenses” (*A SENTINELA DO SUL*, 7 jun. 1868).

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX



Em tal contexto, o periódico *A Sentinel do Sul*, por meio de suas representações caricaturais e construções iconográficas, repercutiu sobre o processo de urbanização da capital sul-rio-grandense. Desse modo o olhar lançado sobre a cidade traz a possibilidade de “imaginar e possibilitar que seus leitores imaginem aparências urbanas”, levando em conta, “não apenas os prédios”, mas igualmente pequenos detalhes do quadro urbano¹². As cidades tornam-se “centros de vida social e política onde se acumulam não apenas as riquezas como

¹² BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 129.

também os conhecimentos, as técnicas e as obras"¹³, fenômeno que se tornou ainda mais intenso no caso de Porto Alegre, na condição de sede político-administrativa provincial. Assim, a própria existência de diversos gêneros jornalísticos, inclusive o caricato, surgia como uma oportunidade para demonstrar o nível dos progressos citadinos. Nesse sentido, a *Sentinela* que, se anuncia como "a primeira folha ilustrada que sai na província", pretendia, em sua "execução artística", ser "sempre digna de entrar em comparação com a das folhas ilustradas da corte" (A SENTINELA DO SUL, 7 jul. 1867), ou seja, serviria como um marco civilizatório. Na segunda metade da década de 1860, esse periódico humorístico-ilustrado refletiu acerca dos avanços nos quadros urbanos porto-alegrenses, como evidências do aprofundamento no rol da civilização, mas, ao mesmo tempo, sustentando o caráter moralizador do periodismo voltado à crítica caricatural, não deixou de apontar as limitações urbanas oriundas do crescimento desmesurado da cidade.

¹³ LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. 5.ed. São Paulo: Centauro Editora, 2011. p. 12.

Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas nas décadas de 1870 a 1890

A capital do Rio Grande do Sul, o grande entreposto mercantil e o polo da produção charqueadora, Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas foram cenários significativamente favoráveis para o desenvolvimento das atividades jornalísticas, circulando em cada uma delas múltiplos gêneros, em uma etapa de ampliação e diversificação. Nesse meio, as publicações ilustradas e humorísticas, destinadas à divulgação da arte caricatural ganharam o gosto do público leitor e foram editadas por meio de diversos títulos ao longo das três últimas décadas do século XIX. Tais folhas caricatas trouxeram em suas páginas várias reflexões acerca do processo de urbanização, em seus alcances e limites, mormente estes últimos, em cada uma das três cidades.

Na cidade de Porto Alegre, um desses periódicos foi *O Fígaro*, publicado entre 1878 e 1879, cujo título aludia à figura do barbeiro, personagem teatral e operístico, além de ser o nome de um longevo jornal francês. Na primeira página da edição original, aparecia o bufão, com a viola a tiracolo e o lápis à mão, pronto para esquadrinhar as caricaturas. Em versinhos, reiterando o título estampado no frontispício, o personagem afirmava: “Eu venho respeitoso, alguma coisa tímido/ Pedir a proteção do povo hospitaleiro,/

Navalhas e pincéis, escovas e cosméticos/ Há tudo, e muito bom, em casa do barbeiro". Os versos também serviram para que o semanário expressasse o seu conteúdo programático, aludindo aos vários instrumentos de trabalho do barbeiro que, figurativamente, seriam utilizados a serviço da caricatura, notadamente a navalha que, afiada, em muito serviria para a realização da crítica. Dizia que, como "Fígaro, gentil barbeiro", pretendia "o oferecer os seus serviços ao povo porto-alegrense", propondo-se a "barbear a todos com muito jeito" e atuando como um "jornal crítico, humorístico e ilustrado", que pretendia ser "bem aceito" e "não odiado", naquela formosa capital" e, em síntese, intentando "fazer rir, nunca doer"¹⁴ (O FÍGARO, 6 out. 1878).

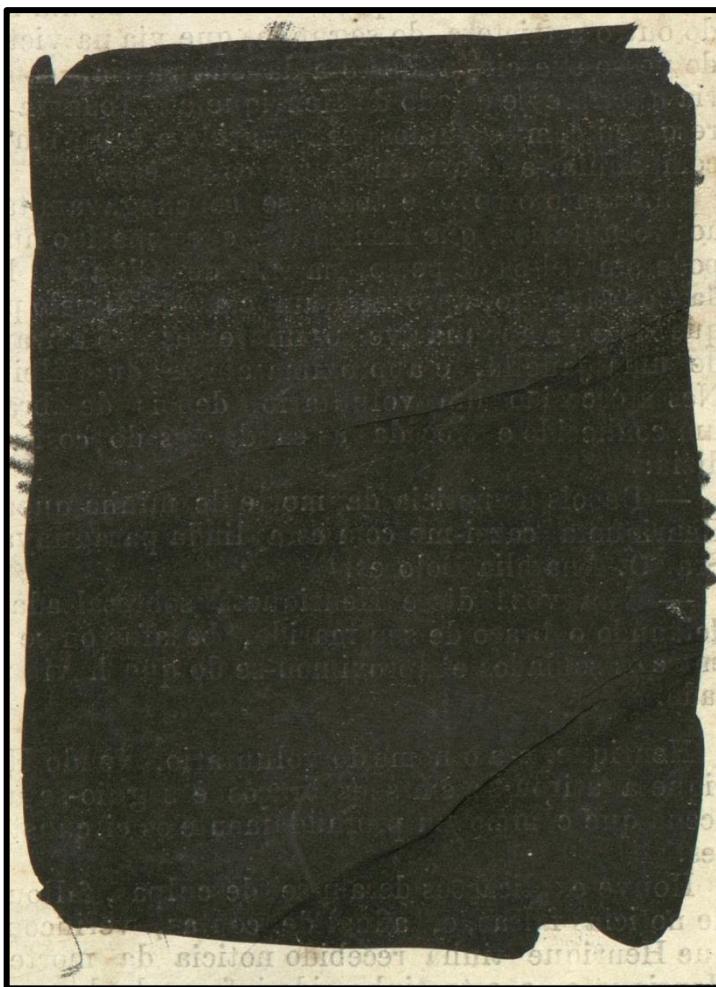
Em uma de suas críticas, *O Fígaro* mostrava uma via porto-alegrense completamente escurecida, dificultando o caminho dos transeuntes, estando as lamparinas apagadas e prevalecendo a luz do luar. Diante de tal cena, o periódico comentava que, "apesar do dinheiro dispendido pelo governo com a companhia de gás, a dita, em noites de luar não nos ilumina carbonicamente", de modo que "os senhores do governo deviam contratar com a lua a iluminação da cidade, que

¹⁴ Sobre *O Fígaro*, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 62-76.; ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 9-12; e ALVES, Francisco das Neves. *A mulher transmutada em símbolo no periodismo caricato porto-alegrense do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 22-23.

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

seria tão boa como o gás e custaria muito mais barato". Ao final, a folha caricata aconselhava: "Senhor gerente, se a questão é de dinheiro, levante mais dois vinténs, mas ilumine a cidade" (O FÍGARO, 15 dez. 1878). A questão da iluminação pública voltou a ser tratada pelo semanário, que se limitou a registrar um borrão negro em suas folhas, em referência à escuridão das ruas, diante da qual foi lacônico e irônico: "Que entusiasmo!!!!!" (O FÍGARO, 13 abr. 1879).

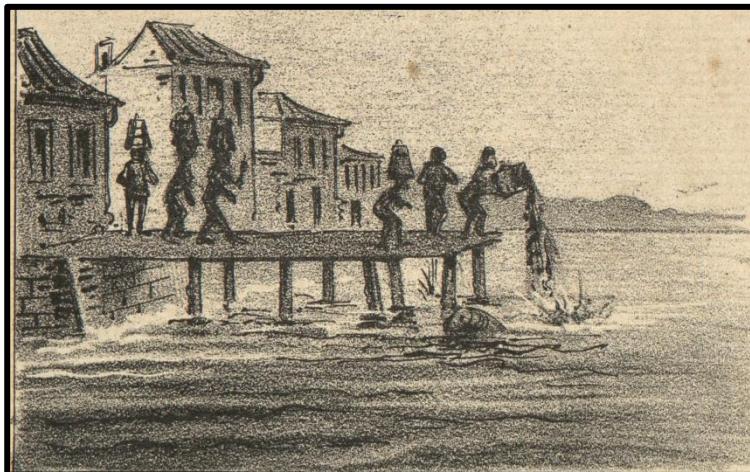




A limpeza pública e a necessidade de uma reforma na política sanitária foi outro ponto abordado pelo *Fígaro*, que censurava o sistema de eliminação dos dejetos das casas, realizado com o transporte em potes por parte de escravos em meio às ruas da cidade, com o

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

despejo em lixos ou cursos de água. Tal crítica fazia parte de uma série estampada pelo semanário, ficando identificada como “chiqueiro municipal nº. 2”, acompanhada do comentário: “Decididamente, senhores da vereança, Porto Alegre é digna de melhor sorte. Por ora fustigamos o desleixo municipal, depois trataremos dos contratos escandalosos” (*O FÍGARO*, 26 jan. 1879).



Outro representante da imprensa ilustrada e humorística porto-alegrense foi *O Século*, que circulou entre 1880 e 1893, mantendo as ilustrações apenas até 1884. Teve significativa tiragem e pretendia tratar “de todos os assuntos com imparcialidade e critério, proporcionando aos seus favorecedores uma leitura variada e útil, circunscrita aos limites da boa moral”. Além disso, declarava ter “fé no porvir”, esperando assegurar “o seu posto no jornalismo” provincial. Propunha-se a publicar “gravuras humorísticas, quadros de costumes”, entre outras incursões, pretendendo

oferecer gravuras que rivalizassem “com as das principais publicações” do seu gênero. A folha buscava garantir que seria “escrupulosa na observância dos princípios da moralidade”, tendo na “crítica um dos principais assuntos”, seguindo a “divisa *ridendo castigat mores*”. Nessa linha, explicava sua conduta, demarcando que poderia “corrigir certas falhas, rindo e fazendo rir”, imaginando que o leitor concordaria com a premissa de que não haveria “necessidade de bater-se no púlpito para pregar-se um bom sermão”¹⁵ (O SÉCULO, 11 nov. 1880).

No que tange a detalhes da urbanização porto-alegrense, o periódico cobrava um melhor posicionamento da Câmara Municipal, chegando a representar tal casa política, como uma figura feminina imunda e olhando-se em um espelho que refletia a expressão “porcaria”, em alusão à falta de higiene da urbe. Perante tal circunstância, a folha comentava que a “Câmara desta cidade, sempre tão atarefada, esquece-se até de reparar para o asseio de sua toalete”, de moro que seria preciso mirar-se no “espelho e depois se digne a deixar o rabo do olho para...”. Além da limpeza propunha a necessidade de uma revitalização em espaço público porto-alegrense, alquebrado e dominado por

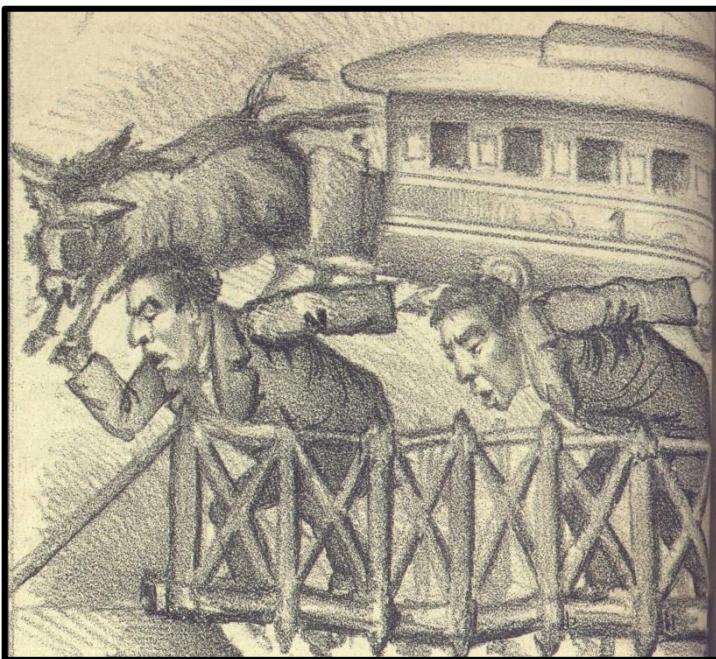
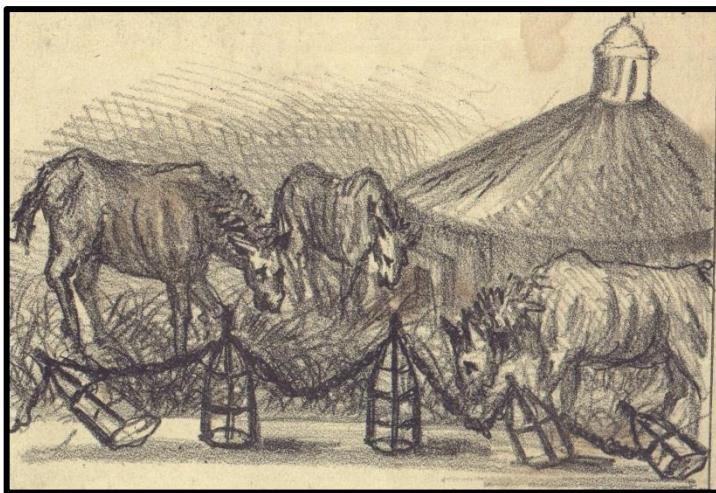
¹⁵ A respeito de *O Século*, ver: FERREIRA, p. 90-132.; ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e o casamento nas páginas do hebdromadário gaúcho O Século*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 7-8.; e ALVES, Francisco das Neves. *A mulher transmutada em símbolo no periodismo caricato porto-alegrense do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 40-41.

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

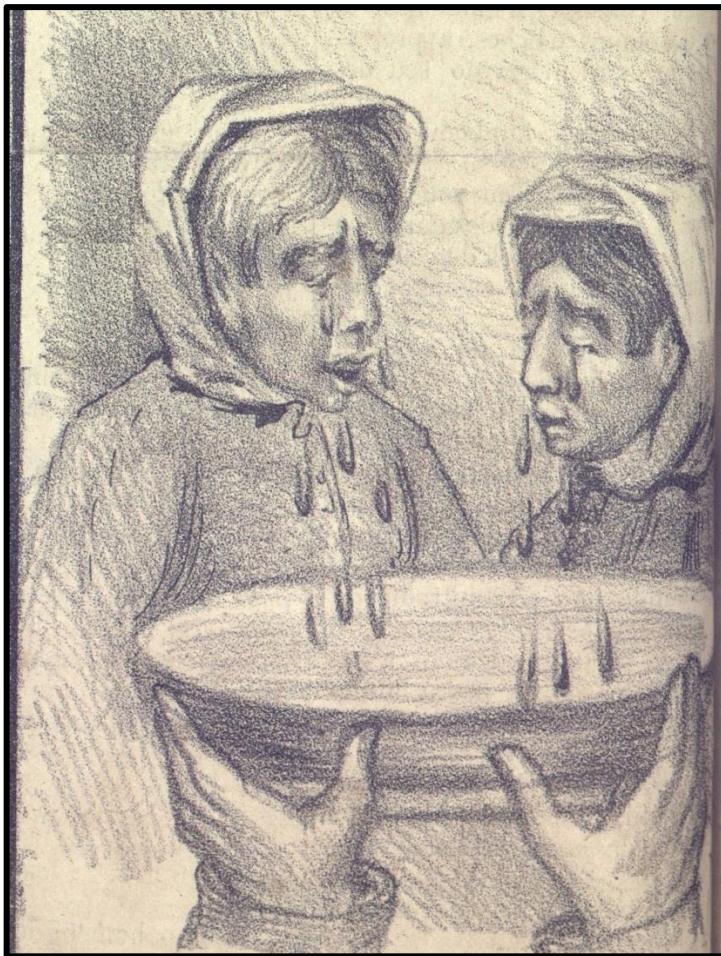
cavalos, em gravura acompanhada da frase: “Esta pobre Praça da Harmonia!” (O SÉCULO, 10 jul. 1881). Dentro as precariedades citadinas apontadas pelo semanário ilustrado estavam as péssimas condições da “ponte do Menino Deus”, tendo o bonde, jocosamente, de ser deslocado nas costas dos funcionários, o que despertava a expressão “pobres condutores”; e também as precariedades do abastecimento de águas da urbe, que passaria a depender inclusive das “carpideiras da hidráulica” (O SÉCULO, 24 jul. 1881).



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

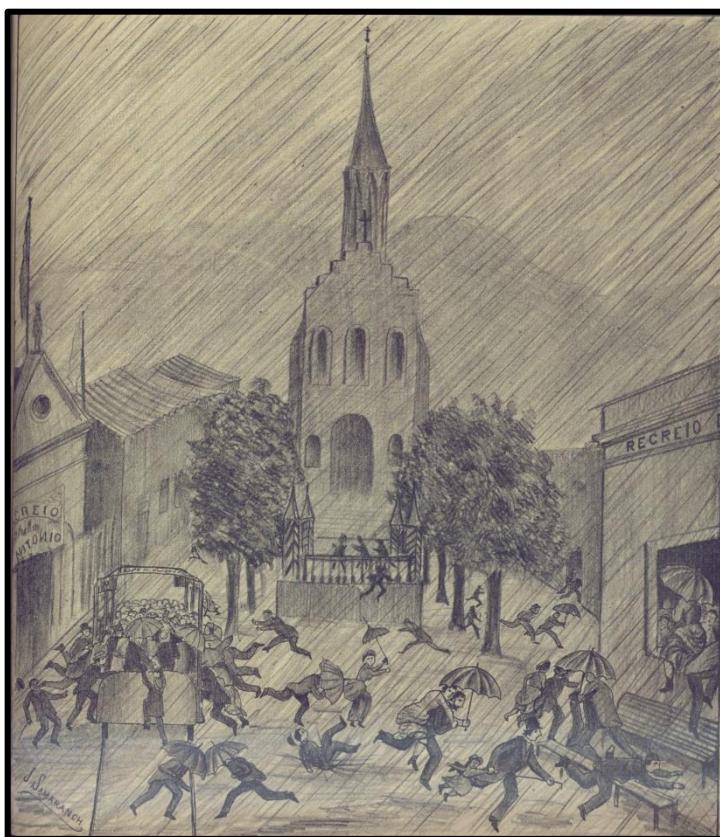


O Século teceu críticas mais uma vez à municipalidade, mostrando os habitantes tendo enormes dificuldades de deslocamento, tendo em vista a invasão das águas, durante uma enchente. Na concepção da folha, a única solução que os vereadores poderiam

conseguir seria um apoio do astro-rei para secar as ruas. Nessa linha, o periódico afirmava que “os transeuntes da Rua do Menino Deus” estariam “em papos de aranha, graças ao zelo da nossa edilidade”, considerando que isso era “bem feito”, pois, “quando se diz ao Zé Povinho que a eleição municipal é coisa muito séria, ele ri-se e vai, qual pataqueiro, levar à urna a sua chapinha marcada” e “dando vivas à liberdade”. Perante tal situação, diagnosticava que “os edis vão ver se alcançam o sol, antes de recolher-se, para contratarem com ele a dessecação das nossas atoladiças ruas”, chegando a, irônica e chistosamente, estimulá-los: “Depressa, ativinhos, se não ele se esconde! Não percam essa luminosa ideia” (O SÉCULO, 7 ago. 1881). As chuvas torrenciais e as decorrências nocivas trazidas aos habitantes foram mais uma vez abordados pelo hebdomadário, ao construir imageticamente a cena e legendar: “Menino Deus – efeitos da chuva na tarde de Reis” (O SÉCULO, 13 jan. 1884).



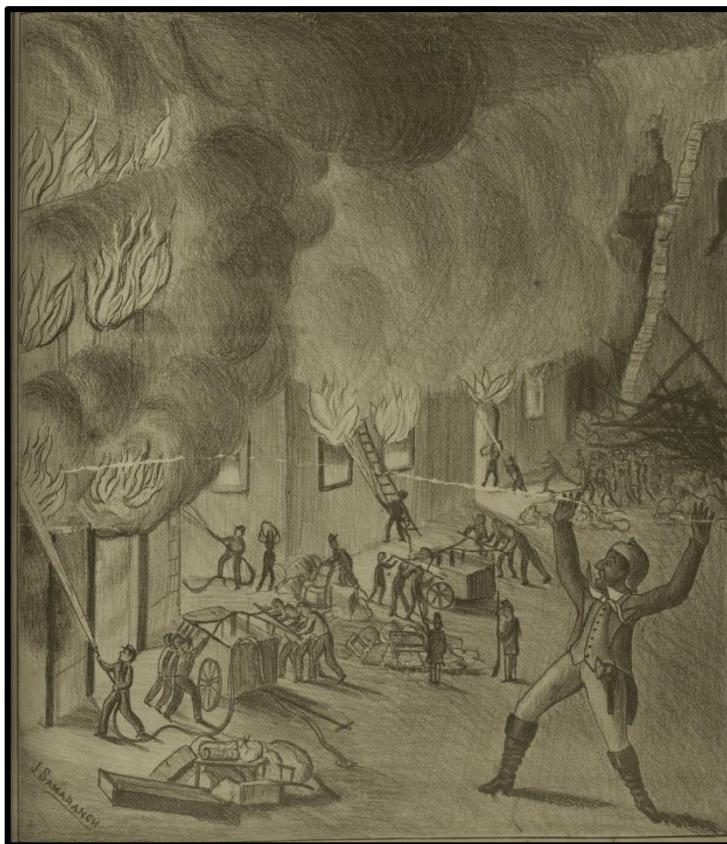
IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

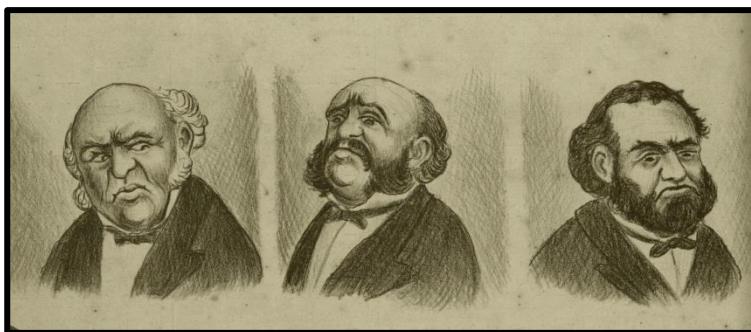


FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Um grande incêndio envolvendo casas comerciais porto-alegrenses foi apresentado iconograficamente por *O Século*, retratando a enorme dificuldade para debelá-lo. A folha apontava para a insegurança geral, tendo em vista as limitações das seguradoras, ao comentar que, “com tanto fogo, ou dá-se cabo das companhias de seguro ou arde Porto Alegre”. Tal sinistro foi ainda representado como um explosivo que caía em meio a várias figuras femininas que designavam as seguradoras, gravura acompanhada pelo comentário: “As companhias de seguro não contavam com esta bomba. Mas que bomba!”. Ainda a respeito do mesmo tema, o semanário mostrava as feições insatisfeitas dos empresários diante do ocorrido, referindo-se às “caras com que ficaram alguns sócios da companhia de seguros Porto-Alegrense, quando souberam do incêndio” (*O SÉCULO*, 17 fev. 1884).

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO
SÉCULO XIX





Os progressos citadinos também foram estampados por *O Século* em suas páginas, como foi o caso da “quermesse em Porto Alegre”, mostrando a cidade embandeirada e com intenso fluxo de pessoas. Segundo o periódico, “Porto Alegre jamais registrou em seus anais uma festa tão esplêndida, tão brilhante, tão cheia de encantos como fosse a quermesse” organizada “na Praça Pedro II”. Teria sido “um verdadeiro acontecimento que veio testificar os sentimentos altamente generosos deste povo nobre e brioso”, em um quadro pelo qual “a população inteira da capital, com exceção de uma infeliz meia-dúzia de escravagistas, correu pressurosa a depositar o óbolo da caridade” para as “gentis tendeiras que, a troco de meigos sorrisos, conquistavam grossas somas para a redenção dos cativeiros”. Em conclusão, a folha dizia que “todas essas formosas senhoras empregaram com igualdade os seus humanitários esforços para que a festa da caridade” ocorresse à “altura dos créditos da nossa encantadora capital”, dando ao final “os parabéns a esses formosos anjos de bondade” (*O SÉCULO*, 21 set. 1884).

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX



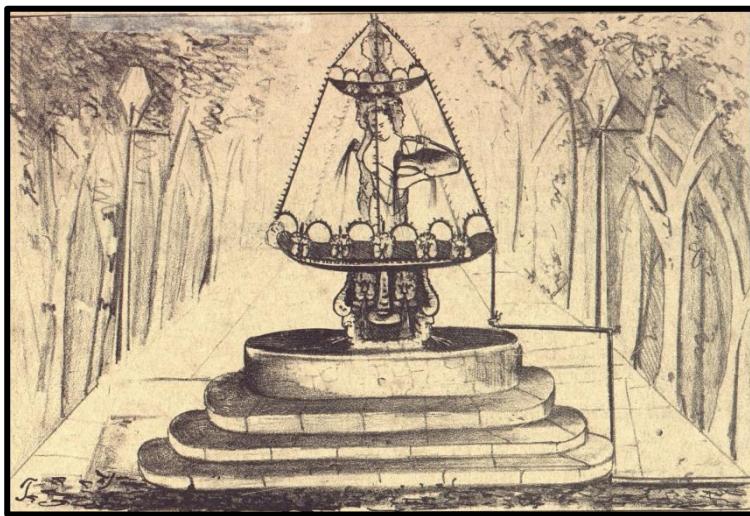
Na cidade do Rio Grande circulou *O Diabrete*, entre 1875 e 1881, cujo viés mais relevante foi o voltado à crítica política. O periódico se apresentou como aquele que, “sem constituir postes de injustificáveis agressões”, procuraria “timbrar pelo razoável de suas apreciações e apanhados, erguendo por divisa no pórtico de sua propriedade a legenda” que lhe serviria como “norma em suas árduas pugnas - *Lectore dilectanti pariterque monendo*”. Com jocosidade, afirmava que, “quando a generalidade dos leitores, beatificamente diz com a devoção que lhe é peculiar - “Livre-nos Deus da tentação do demônio”, constituiria, “sem dúvida, árduo trabalho para apresentar-lhe” aquele “*Diabrete* e pedir-lhe não só que se familiarize com ele, como ainda mais, que lhe dispense a valiosa e nunca assaz louvada proteção”, a qual, “a esmo dispensam a outros *diabretes*

de formas várias que por aí vivem a levar a mais perigosa ebullição a incautos e desprevenidos corações" (O DIABRETE, 4 jul. 1875). Como era típico da imprensa caricata de então, o semanário buscava ter um papel moralizador, propondo-se a exercer a função de "reformador", que a sociedade estaria a necessitar, pensando assim em "dar prova de sua abnegação, tomado sobre seus ombros esse encargo"¹⁶ (O DIABRETE, 5 out. 1879).

As históricas e tradicionais rivalidades entre as cidades do Rio Grande e de Pelotas também se refletiram nas páginas das folhas caricatas, inclusive nas temáticas envolvendo a urbanização. Entre as duas localidades houve disputas quanto a sediar o núcleo do aparelho alfandegário e *O Diabrete* apresentou tal perspectiva comicamente, ao mostrar cidadãos pelotenses prontos para roubar o prédio da alfândega da cidade do Rio Grande. A legenda era: "No dizer de alguns pelotenses que cá estiveram domingo passado, mais dias menos dias, carregam-nos também para lá o edifício da alfândega... É só o que nos faltava...". Sobre a colocação de uma fonte de água no centro citadino, o hebdomadário lançava um olhar pouco favorável, ao destacar: "O nosso chafariz revestiu-se de galas e está esperando ver em que param as modas" (O DIABRETE, 24 nov. 1878).

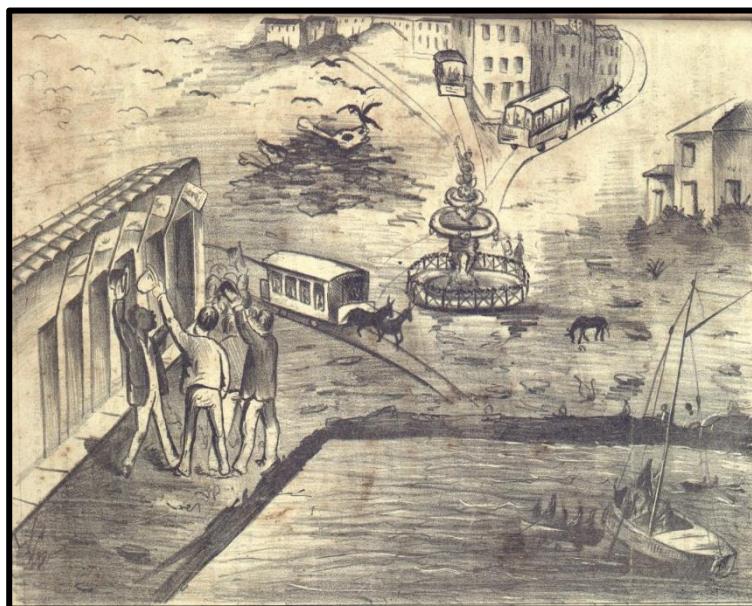
¹⁶ Acerca de *O Diabrete*, ver: FERREIRA, 1962, 160-168.; e ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 170-194.

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX



Ainda quanto às disputas com os vizinhos pelotenses, tomando partido dos rio-grandinos, *O Diabrete* acusava que Pelotas sequer teria condições de

sediar o órgão fiscal rio-grandense-do-sul, como estaria a demonstrar a precariedade de um de seus logradouros públicos, como representava iconograficamente o periódico e afirmava ironicamente: “O aspecto *brilhante* que apresentava a alfândega de Pelotas por ocasião de sua inauguração” (O DIABRETE, 12 jan. 1879). Reportando-se especificamente ao Rio Grande, denunciava o caráter precário da iluminação nas ruas da urbe portuária, que estaria trazendo amplas dificuldades para o deslocamento dos moradores – dentre eles o próprio bobo da corte, simbologia do jornalismo caricato –, vindo a constatar: “Andamos como as mariposas a esbarrar-nos nos lampiões, com a diferença que elas são atraídas pela luz e nós pela escuridão” (O DIABRETE, 26 jan. 1879).

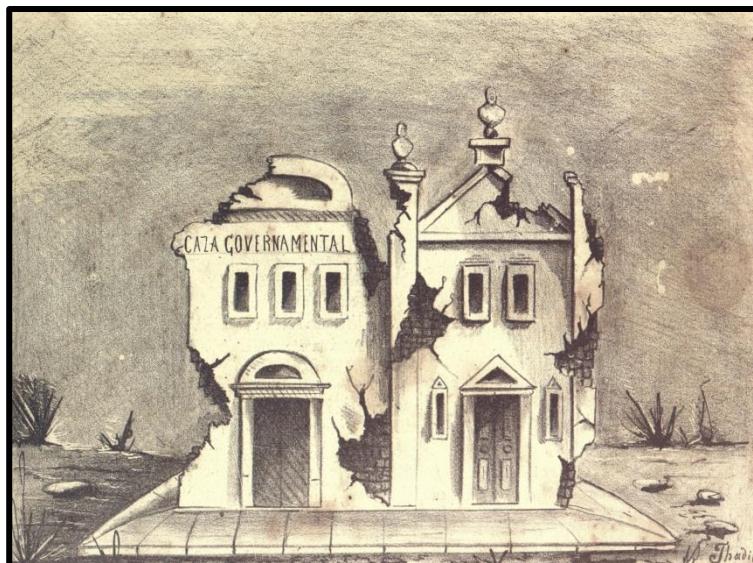


IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

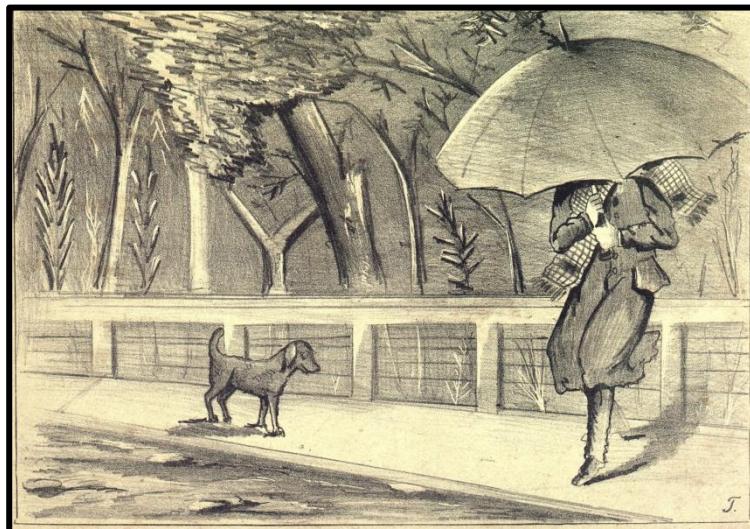


No que se refere à falta de manutenção dos prédios públicos, o semanário rio-grandino mostrava a casa governamental em ruínas, assumindo uma fala do próprio edifício: “A que deplorável estado me reduziram” (O DIABRETE, 27 abr. 1879). Aliando a perspectiva das censuras contra os limites da urbanização, com a crítica de costumes, *O Diabrete* considerava que a estação invernosa seria favorável para evitar os namoros em praça pública, tão comuns à época em que os passeios eram prática muito usual. Nesse sentido, afirmava que “o inverno é a estação mais moralizadora para os destinos desta amável terra”, pois “retém toda a população feminina em suas casas e não

permite ao belo sexo os passeios à praça municipal à noite". Dizia que em tal estação "as intrigas e os pequenos mexericos não florescem" e "não se expandem ao frio", retraindo-se "como sensitivas tocadas por mão profana". Destacava também que "só um ou outro dilettante noturno vê-se agora passeando soturnamente por baixo das tristonhas árvores do passeio, enquanto o vento sibila com tristeza". Como conclusão, a folha comentava que "o sossego das famílias lucraria cem por cento se fosse possível vivermos sempre em um perpétuo inverno". A abordagem textual era complementada pela imagética, com a estampa de gravura mostrando o passeio praticamente deserto, acompanhada pela legenda: "A praça municipal no inverno. Nem sombra de namoro. Tanto melhor para os pais de família" (O DIABRETE, 18 maio 1879).

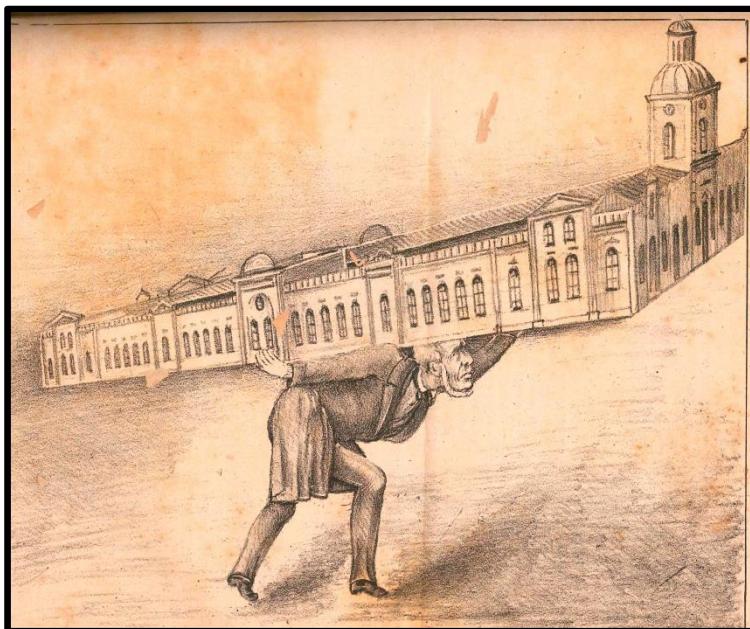
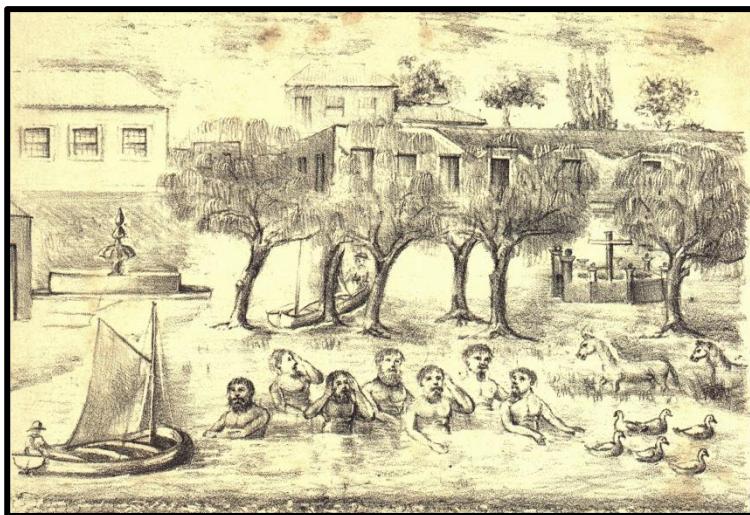


IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX



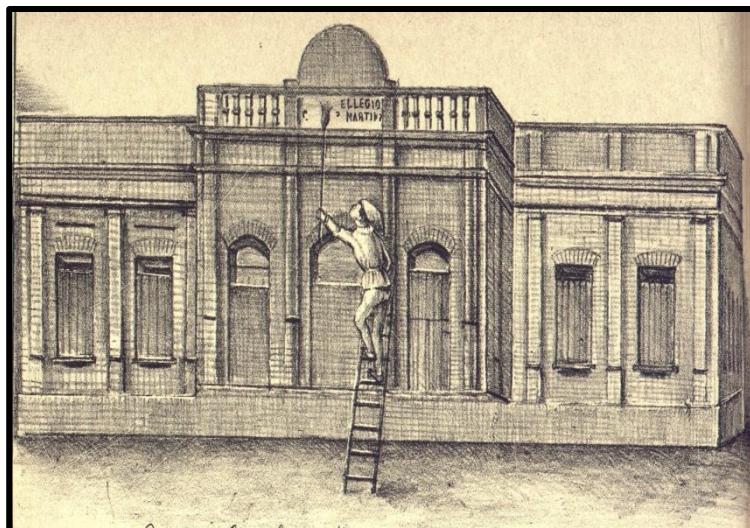
As dificuldades de escoamento das águas pluviais e as consequentes inundações foram temas igualmente debatidos pelo semanário rio-grandino ao abordar o contexto urbano citadino. Para tanto, apresentava desenho no qual os habitantes apareciam como banhistas, só que nas ruas da cidade, comentando sobre “os banhos edílicos na praça Tamandaré e o passeio *marítimo* na sua lagoa” (O DIABRETE, 10 out. 1880). O propalado “roubo” do prédio da alfândega voltou às páginas do *Diabrete*, ao apresentar um indivíduo carregando o conjunto do edifício em suas costas, com o destaque de que ele estaria “resolvido em último extremo em carregar a nossa alfândega lá para a sua terra” (O DIABRETE, 17 out. 1880).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

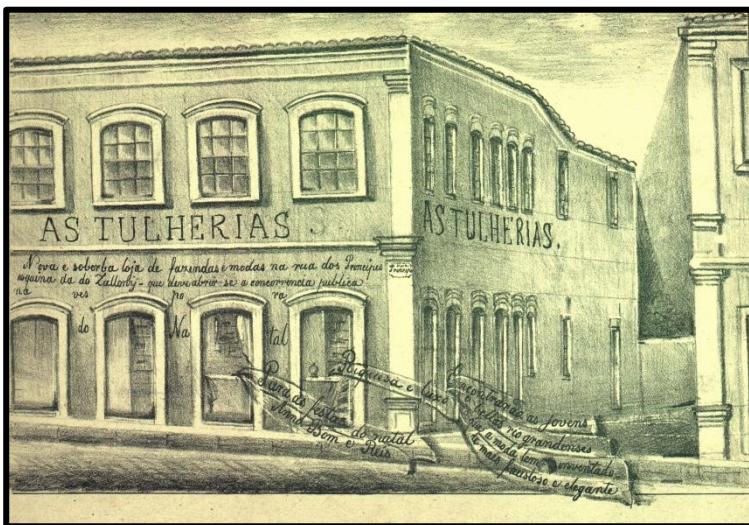
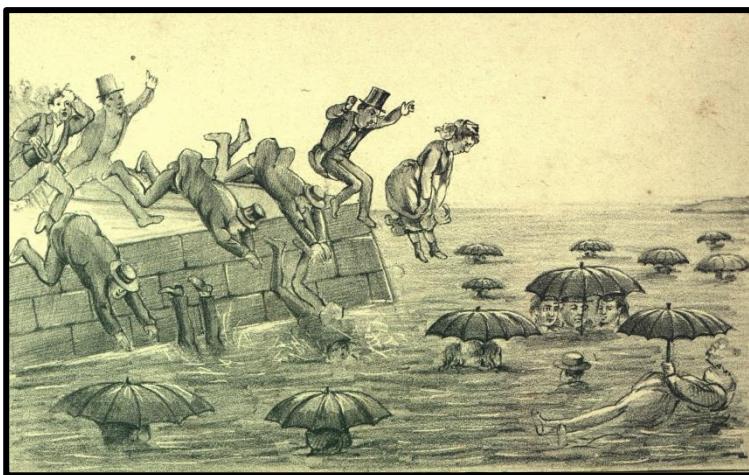


IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

A respeito de uma escola municipal que nunca chegou a passar da construção das paredes, o periódico sugeria uma modificação de denominação da instituição, trocando os nomes dos políticos homenageados, de modo que assim pudesse aumentar a possibilidade da conclusão da edificação (O DIABRETE, 24 out. 1880). Uma paisagem do cais citadino servia de cenário para uma abordagem chistosa do hebdomadário, sugerindo que, mediante a intensidade do calor, as pessoas, em suas roupas costumeiras, estariam a se atirar às águas, afirmando: “Parece que neste verão temos de usar desta receita” (O DIABRETE, 21 nov. 1880). Os progressos da urbe, como centro comercial, também apareceram nas páginas do *Diabrete*, as trazer às suas páginas uma importante casa mercantil sediada no centro citadino (O DIABRETE, 12 dez. 1880).



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Ainda na cidade portuária do Rio Grande, circulou o periódico ilustrado e humorístico *Maruí*, cujas edições duraram de 1880 a 1882. O título da folha

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

derivava de maruí ou maruim, um inseto díptero, espécie de mosquito, que muito incomodava, mormente nas noites de verão rio-grandinas, de modo que, tal qual a inspiração de seu nome, o periódico pretendia “picar”, “irritar” ou “produzir ardor e comichão”, ou em síntese, trazer certa agitação em meio à comunidade da urbe. Por meio de versos, o semanário definia o seu programa, dizendo jocosamente que pretendia enriquecer “trabalhando honestamente”, pedindo que os habitantes abrissem suas bolsas “ao travesso *Maruí*”. Como o “pequeno inseto” que lhe inspirara, destacava que seria “ligeiro, alegre e taful”, e também “alegre como as crianças, franco, honesto e folgazão”, mantendo um “programa variado e apetitoso”¹⁷ (MARUÍ, 4 jan. 1880).

Um dos registros do *Maruí* acerca de elementos constitutivos da urbanização rio-grandina foi a reação diante de um incêndio em uma parte da cidade. Em meio à noite, um habitante acordava assustado com os sinos da igreja que alertavam para o sinistro, levando-o a subir no telhado e vindo a constatar “que o fogo era para os lados da alfândega” (MARUÍ, 16 mar. 1880). Outros dois locais citadinos foram abordados pelo periódico no sentido de concretizar suas apreciações críticas e jocosas. Uma delas advinha da crítica social e de costumes, com denúncias contra a situação da saúde pública local, uma vez que um indivíduo rezava no cemitério, vindo a constatar: “Como está isto Santo Deus! Quem nos há de dizer que com vinte médicos na cidade, acha-se este lugar tão habitado. Cruel fatalidade”. A outra era o topo da torre do prédio da alfândega, no qual o bobo da corte – designando a arte caricatural – propunha-se a subir

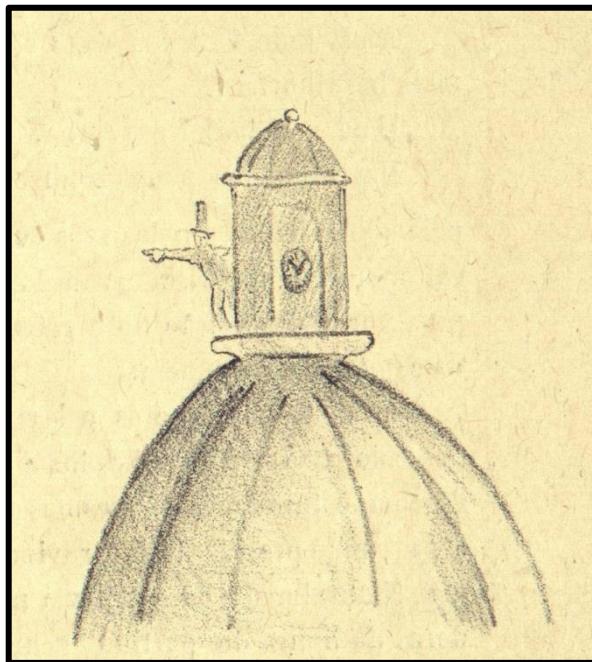
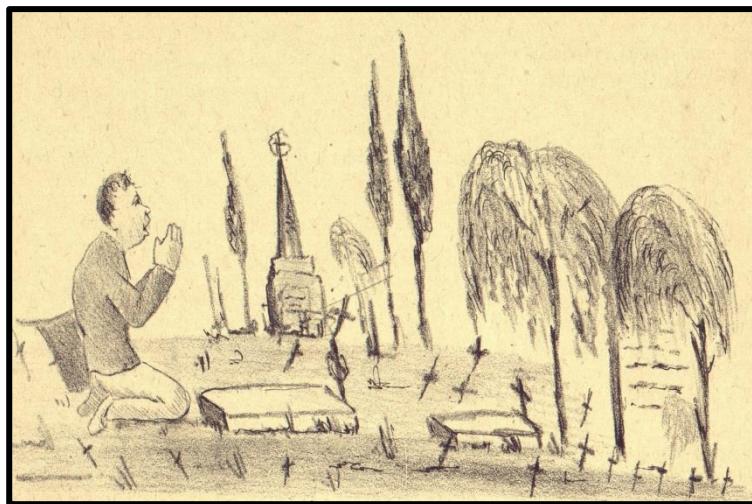
¹⁷ A respeito do *Maruí*, ver: ALVES, 1999, p. 194-217.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

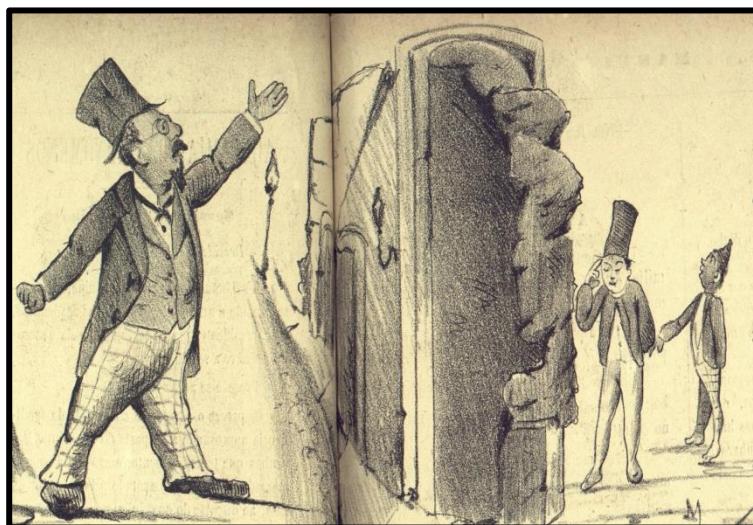
visando a enxergar uma das melhorias prometidas à cidade, ou seja, para ver “de óculo em punho quando chegar a decretada estrada de ferro”, entretanto, as esperanças não pareciam das mais convictas, pois a conclusão da fala era: “Pobre de nós, temos muito que esperar...” (MARUÍ, 11 abr. 1880).



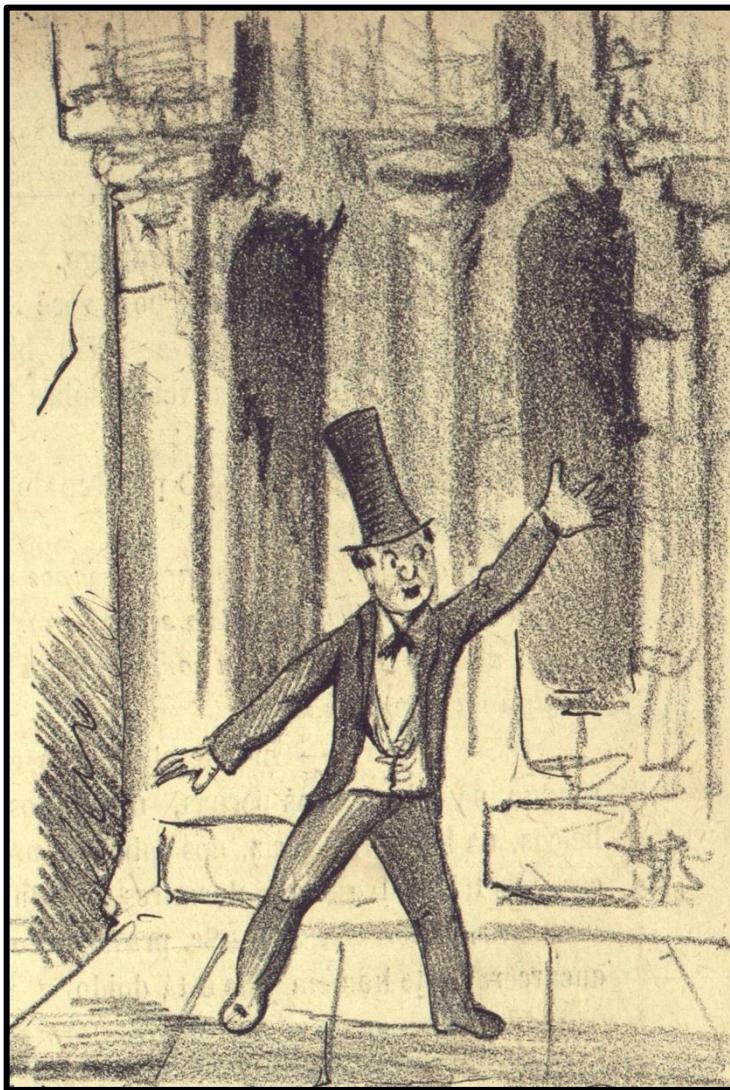
IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO
SÉCULO XIX

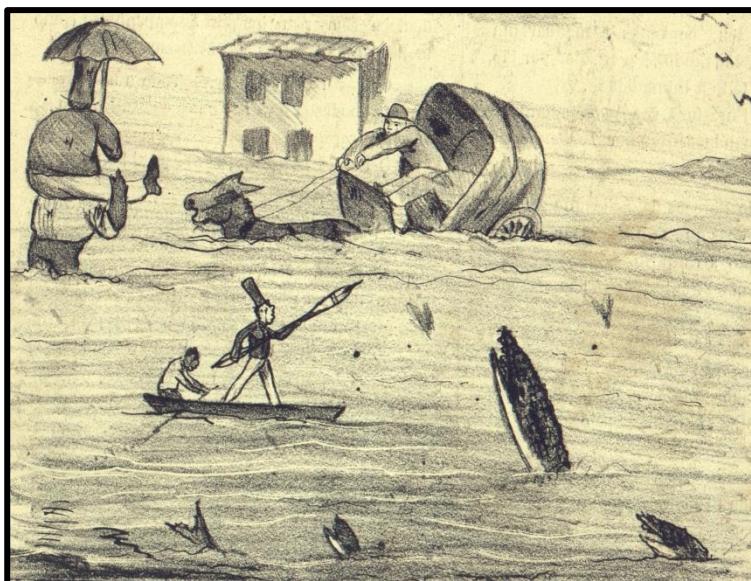


Nas páginas do semanário, o bobo da corte convidava um colega para “admirar coisas bonitas” na cidade, ficando evidenciado já o tom irônico da proposta. Em um dos cenários observados, um homem lastimava o estado de um prédio público, questionando se não haveria “leis para punir os malfeiteiros” e “ladrões de casaca” que haviam permitido aquela situação, convocando o povo a ver a que condições estava “a nossa alfândega reduzida”. Mantendo a toada galhofeira, era demonstrado o abandono que atingia a edificação de um colégio, com a constatação de que “é neste estado que se acha a construção da Escola S. Martins, portanto, já somos um benemérito da pátria, ou então temos pretensão a isso”. Ainda no mesmo conjunto caricatural, havia a denúncia de que uma inundação levara a praça Tamandaré a tornar-se inacessível para os pedestres (MARUÍ, 1º ago. 1880).



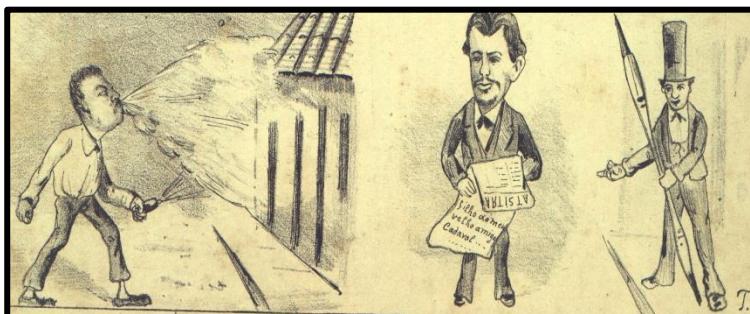
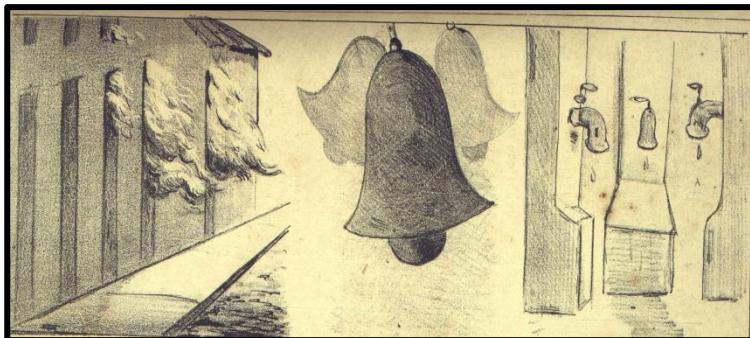
IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO
SÉCULO XIX





Um novo incêndio chamou atenção do *Maruí*, este ocorrido em um casebre, e, tendo em vista o conteúdo social envolvido, sequer os sinos tocaram, além de ficar evidenciada a precariedade de infraestrutura, pois os bicos de abastecimento estavam sem água. Nessa linha, o sinistro foi debelado graças a iniciativas individuais, as quais foram traduzidas na forma de pilharia, com o destaque de que “graças ao auxílio de um novo éolo, foi o fogo extinto”, sendo o assunto debatido por meio da imprensa e restando ao bobo da corte afirmar que “o *Maruí* lembra a Câmara e as companhias de seguros a conveniência” de que fossem tomadas providências (MARUÍ, 13 mar. 1881).

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

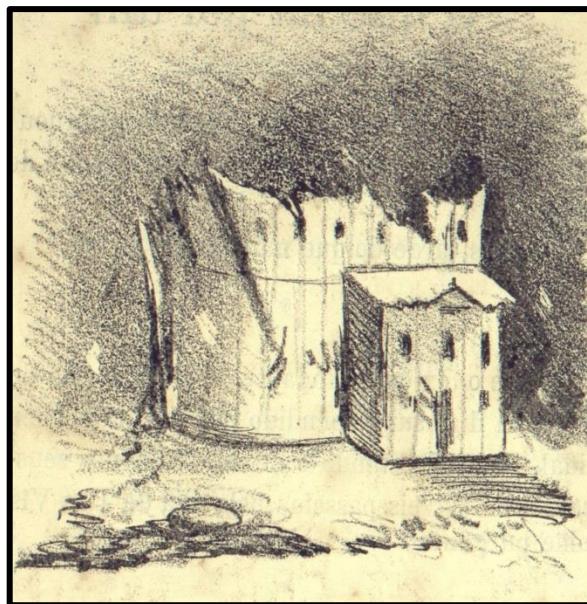


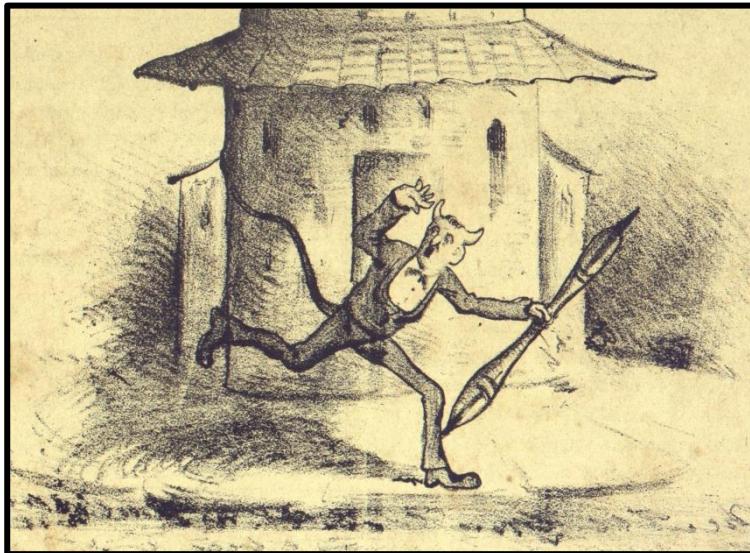
O cais do porto foi o cenário de uma festividade em meio aos cidadãos, que se preparavam para recepcionar os profissionais responsáveis pelas obras que concluiriam uma das grandes aspirações citadinas voltada à construção de uma via férrea. A legenda traduzia o entusiasmo, sem deixar de provocar a vizinha cidade de Pelotas: "Aspectos que apresentava a Rua da Boa Vista com a chegada dos ilustres engenheiros para a estrada do sul, parabéns aos rio-grandinos... pêsames aos pelotenses" (MARUÍ, 29 maio 1881). O teto de uma das casas de espetáculos da urbe tornou-se preocupação do periódico caricato, que noticiou que "desabou na madrugada a cúpula do anfiteatro do Sr. Albano

Pereira", complementando com ironia que ao menos o prédio da alfândega se salvara do mesmo destino (MARUÍ, 31 jul. 1881). Mais tarde, a folha caricata apontava que outro representante da imprensa riograndina receara a repetição do fato, dessa vez sem as mesmas consequências: "O nosso colega *Asmodeo* parece ainda conservar a desagradável impressão que causou a queda da cúpula do circo Albano. Desta vez o seu receio é infundado" (MARUÍ, 6 nov. 1881).



IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO
SÉCULO XIX





Outra publicação caricata rio-grandina foi o *Bisturi*, editado de forma ininterrupta entre 1888 e 1893, embora sua circulação tenha perdurado de maneira errática até meados da segunda década do século XX. Em sua fundação, o semanário garantia que seria “crítico”, mas sem se arredar “um só momento dos foros da imprensa honesta, usando de uma crítica benévolas e bem intencionada e não dessa crítica cínica e mordaz”. A redação declarava que a folha pretendia ser “agradável, já nas seções de desenhos, já na redação”, guardando “os princípios determinados pela urbanidade, ainda quando for mister o sermos um pouco pungentes na luta de coerção aos desvios que por vezes nos envergonham”. Houve ainda a promessa de que o hebdomadário iria empenhar-se “na extirpação da lepra social dos

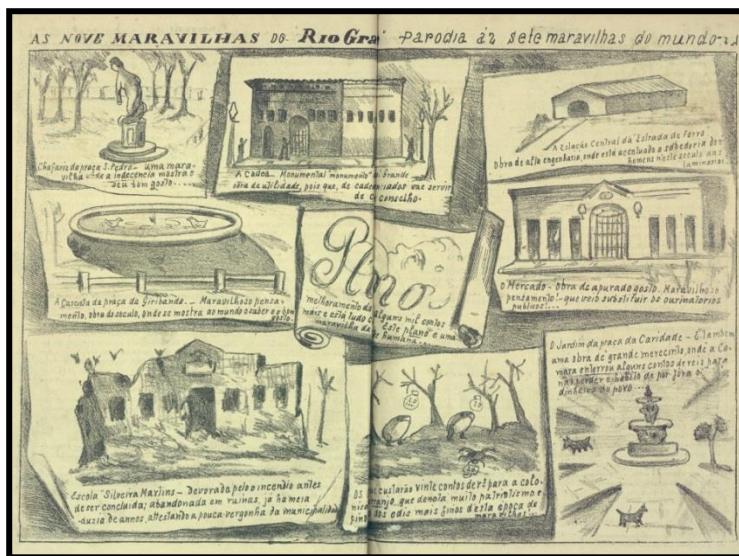
IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

escândalos, da calúnia, de todos os vícios”, sem que em suas páginas pudesse ser notadas “as invectivas livres e as alusões imorais que desedificam na prática do comedimento dos mútuos deveres da família social”¹⁸ (BISTURI, 1º abr. 1888).

Dentre as pautas editoriais do semanário riograndino estiveram aquelas relacionadas ao conjunto urbano citadino. O olhar moralizador e crítico do *Bisturi* manifestou-se por meio de muita comicidade, ao estampar uma construção caricatural intitulada “As nove maravilhas do Rio Grande – paródia às sete maravilhas do mundo”, no qual tecia profundas críticas a elementos constitutivos da cidade. Dentre eles, eram analisados com fina ironia: o “chafariz da Praça S. Pedro”, considerado como “uma maravilha onde a indecência mostra o seu bom gosto...”, tendo em vista uma figura nua que o ornava; a cadeia, apontada ironicamente como “monumental monumento” e “grande obra de utilidade”; a “estação central da estrada de ferro, obra de alta engenharia, onde está acentuada a sabedoria dos homens neste século das luminárias”; a “cascata da Praça da Giribanda”, qualificada como “maravilhoso pensamento, obra do século, onde se mostra ao mundo o saber e o bom gosto”; o plano de melhoramentos da Barra, identificado como uma “maravilha humana”, mas que não saía do lugar; o Mercado Público, colocado na condição de “obra de apurado gosto” e “maravilhoso pensamento, que veio substituir os urinatórios públicos”; a Escola Silveira Martins, que não passara de projeto, pois fora destruída por um incêndio ainda na construção, e sobre a qual era dito que permanecera

¹⁸ Sobre o *Bisturi*, ver: ALVES, 1999, p. 219-243.

“abandonada em ruínas, já há meia dúzia de anos, atestando a pouca-vergonha da municipalidade”; o abandono dos núcleos coloniais que “custaram vinte contos de réis”, constituindo um “arranjo que denota muito patriotismo dos edis mais finos desta época de maravilhas”; e o “jardim da Praça da Caridade”, qualificado como “uma obra de grande merecimento, onde a Câmara *enterrou* alguns contos de réis para não perder o hábito de por fora o dinheiro do povo” (BISTURI, 21 out. 1888).

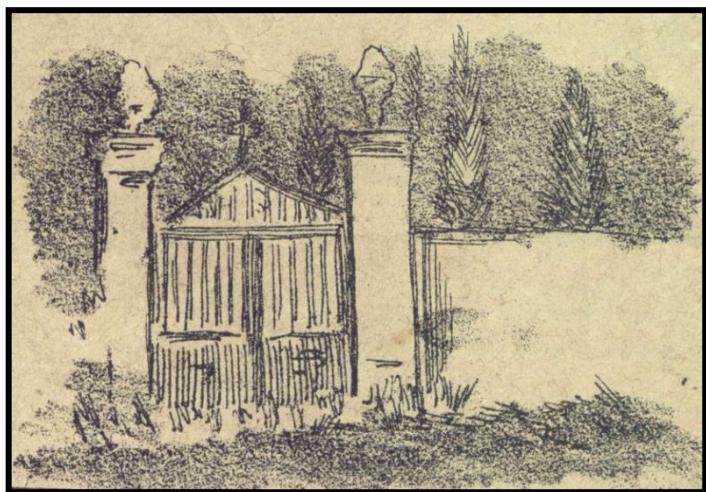
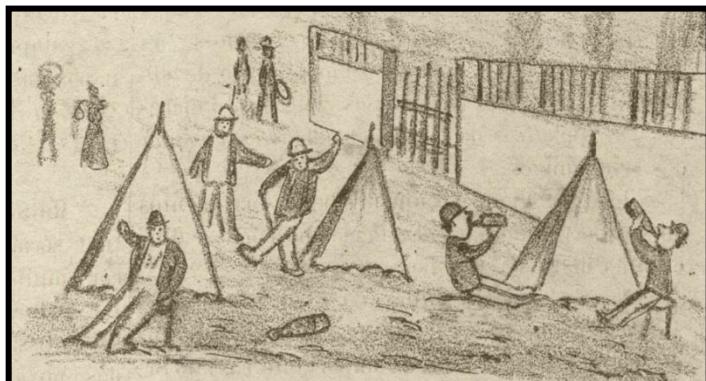


Dentre as tantas limitações denunciadas pelo semanário caricato rio-grandino esteve a ligada às ruas próximas aos meios de transporte, buscando demonstrar que o calçamento em torno dos trilhos de trem estava impraticável, trazendo amplas dificuldades para os

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

transeuntes, mormente aqueles que tinham de lidar com malas e cargas. Frente ao quadro, o periódico comentava com plena ironia: “Como são agradáveis e divertidas as viagens no nosso caminho de ferro...” (BISTURI, 12 ago. 1888). Em meio a tantas incongruências no meio urbano rio-grandino, o periódico apontava também: “As barraquinhas e a orgia na porta do cemitério! Edificante!...” (BISTURI, 4 nov. 1888). Humoradamente, a folha caricata apresentava a possível vitória de um candidato, citando, com ironia, os melhoramentos pelos quais a cidade iria passar, dentre eles o de que “o estado sanitário será tão satisfatório que o cemitério fechará as portas” (BISTURI, 25 nov. 1888).

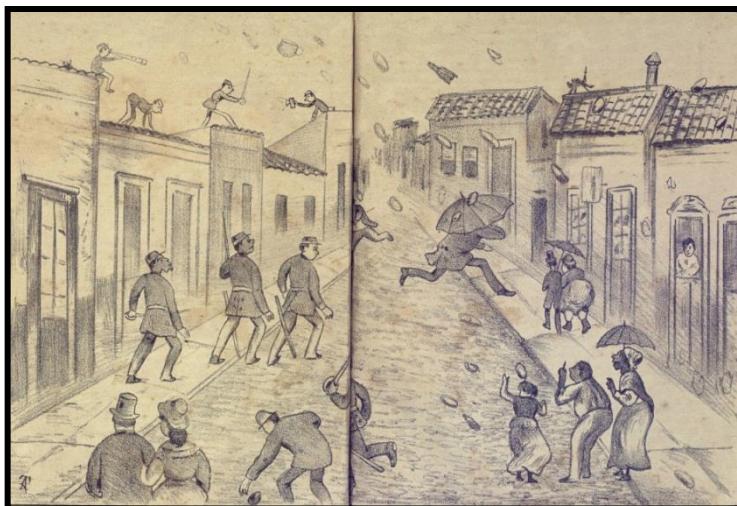




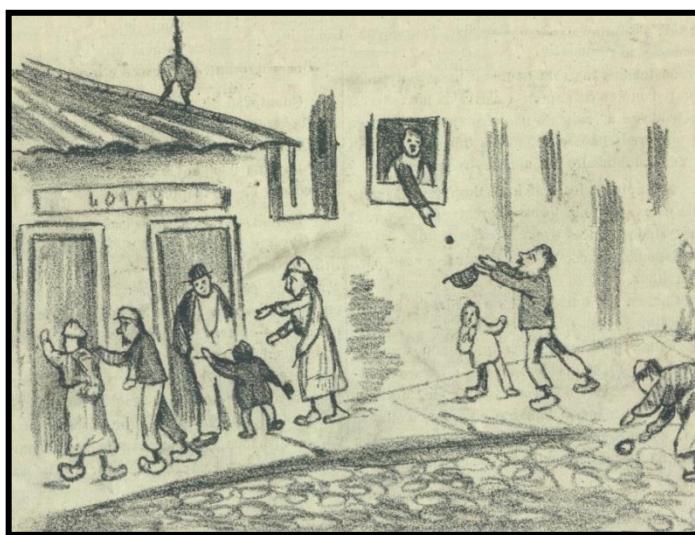
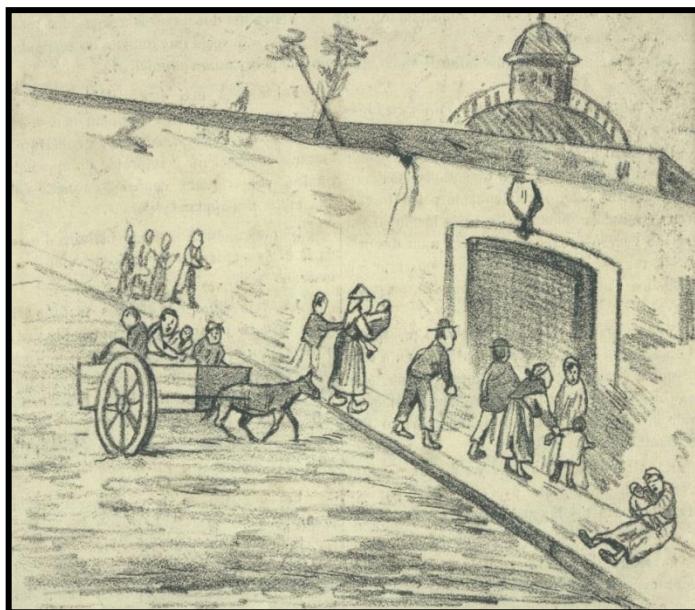
Questões de segurança pública e de fundo social também foram apreciadas pelo hebdomadário humorístico. Isso ocorreu na gravura que mostrava uma faceta da urbe portuária, na qual as pessoas eram alvo de objetos jogados à rua, com poucos resultados da diligência policial. Em relação a tal cenário, o periódico

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

noticiava que “na semana passada foram arremessadas à Rua Paissandu tijolos e garrafas, sem que a polícia, apesar dos grandes esforços que empregou, pudesse descobrir a sua procedência e o autor de tão brutal e perigoso divertimento”, o qual “tanto tem despertado a curiosidade pública” (BISTURI, 9 dez. 1888). Os desvalidos igualmente preocupavam a folha, como no caso daqueles que vinham de outros lugares e enfrentavam o abandono e a pobreza ao chegarem na urbe portuária. Foi assim que o semanário mostrou “os míseros imigrantes”, que, “para não morrerem de inanição, recolhem-se à Santa Casa de Misericórdia”, enquanto “outros andam de porta em porta, implorando à caridade pública”, diante do que a folha concluía: “maravilhas da nossa atual situação” (BISTURI, 24 fev. 1889).



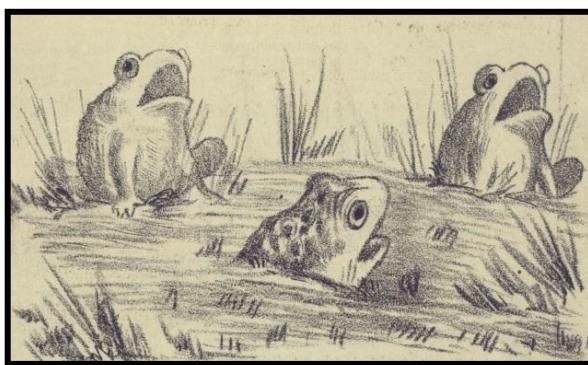
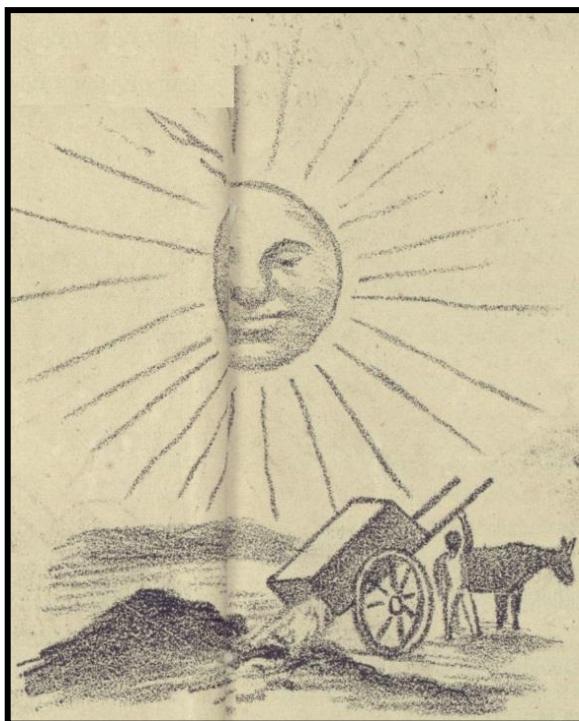
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



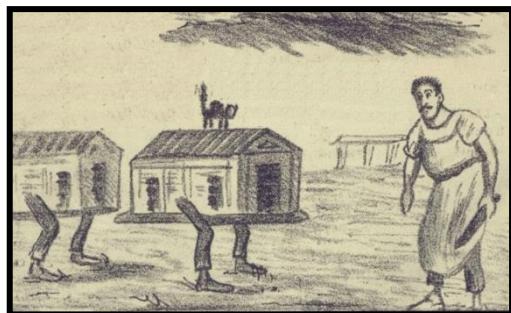
IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

Outra preocupação da publicação caricata foi aquela ligada à saúde pública, com as constantes ameaças epidêmicas tão recorrentes, mormente em comunidades portuárias. Assim, diante do avanço de uma nova epidemia, a folha descrevia “as nossas ruas e praças convertidas em monturos”, nas quais “o sol contempla serenamente os terríveis efeitos de seus raios mortais... ao som tristemente monótono dos sapos e das rãs que povoam os charcos da cidade”, e, havendo ainda “o cúmulo de tantas belezas, temos agora os novos quiosques da Praça D. Isabel”, cujas condições de higiene eram consideradas contestáveis (BISTURI, 10 fev. 1889). Em outra ocasião, o periódico chamava atenção para “algumas ruas da cidade”, que “estão neste vergonhoso e miasmático estado impossível de se transitar” (BISTURI, 14 jul. 1889). Perante a aproximação de uma nova onda epidêmica, o semanário dizia que “o aterro das ruas da cidade, com o lixo apanhado nas ruas, concorre muito para *elas* imperarem com toda a força” (BISTURI, 9 mar. 1890). Mais uma vez a respeito de doenças, o periódico denunciava que, “mesmo no centro da cidade, no edifício pertencente a V. O. do Carmo vai transferir-se o hospital dos beribéricos”, trazendo a imagem dos doentes se acumulando (BISTURI, 27 jul. 1890). E, com outra epidemia se avizinhando, o *Bisturi* apontava que “a permanência desta *lúgubre senhora* devemos ao estado imundo das nossas ruas e praças” (BISTURI, 20 nov. 1892).

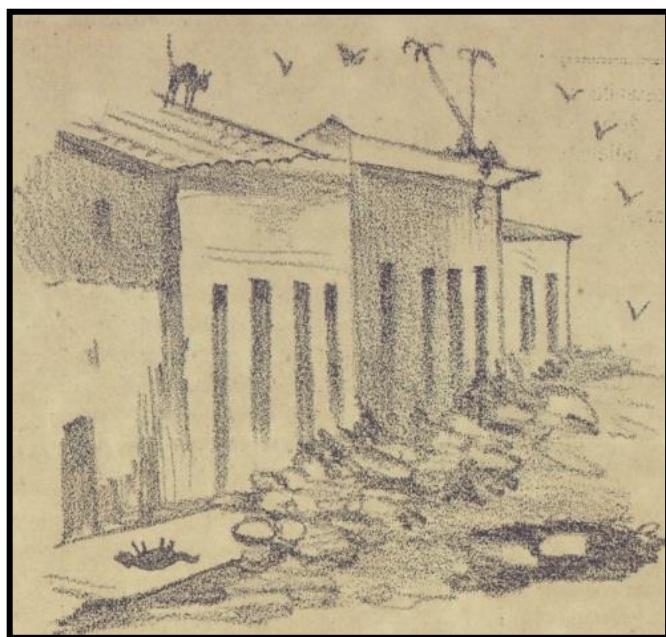
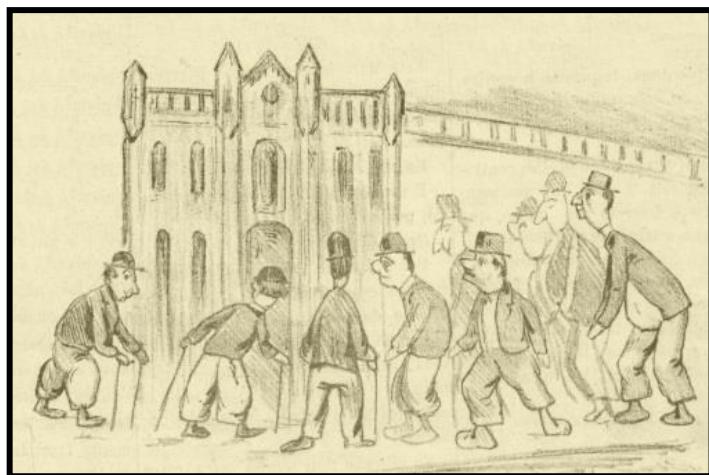
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO
SÉCULO XIX



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



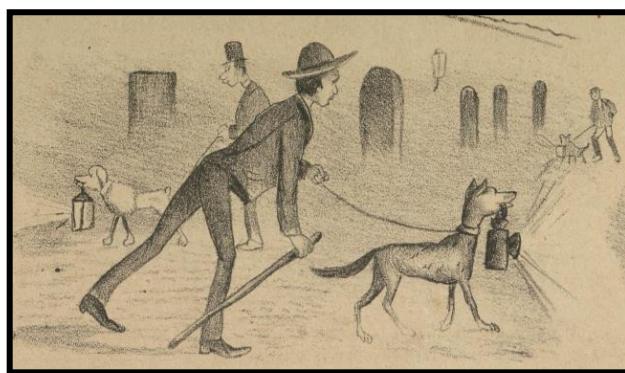
IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

As inundações também se fizeram presentes nas representações iconográficas do hebdomadário, ao mostrar os habitantes buscando se resguardar tanto da precipitação pluvial quanto da água acumulada, narrando que, “na semana passada as chuvas foram tão abundantes que os moradores tiveram que se refugiar nos telhados” (BISTURI, 3 fev. 1889). A folha denunciava ainda o “estado imundo e pestífero da Praça S. Pedro”, a “brilhante luz do gás, que nos obrigou a andar de lanterna acesa” e a “grande malta de cães vadios, que percorrem as ruas praticando toda a sorte de pouca vergonha” (BISTURI, 17 mar. 1889). Os escombros do prédio da Escola Silveira Martins retornaram às páginas do *Bisturi*, que apresentou um indivíduo com postes de luz, identificando como aquele que pedira a concessão da Junta Municipal do edifício abandonado, “para depositar sua luz elétrica”. Com descrença, o periódico apontava para aquilo que considerava como uma atitude inocente do solicitante, ao dizer se tratava de “uma criança” (BISTURI, 12 abr. 1891). Mantendo o teor crítico, o semanário mostrava jocosamente o que seria um sistema inovador de iluminamento, com homens acompanhados por cães que carregavam luminárias, vindo a anunciar: “Um novo projeto de iluminação que lembramos às pessoas que queiram visitar o Mercado Públíco” (BISTURI, 6 dez. 1891).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

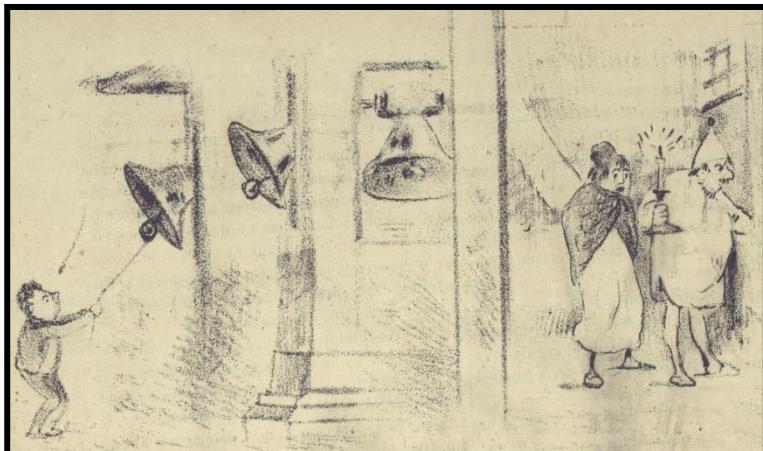


Dois casos de incêndio na cidade portuária também foram noticiados nas páginas do hebdomadário

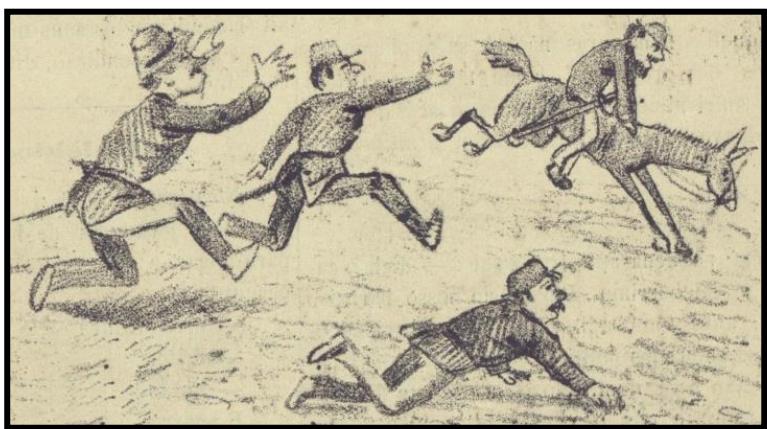
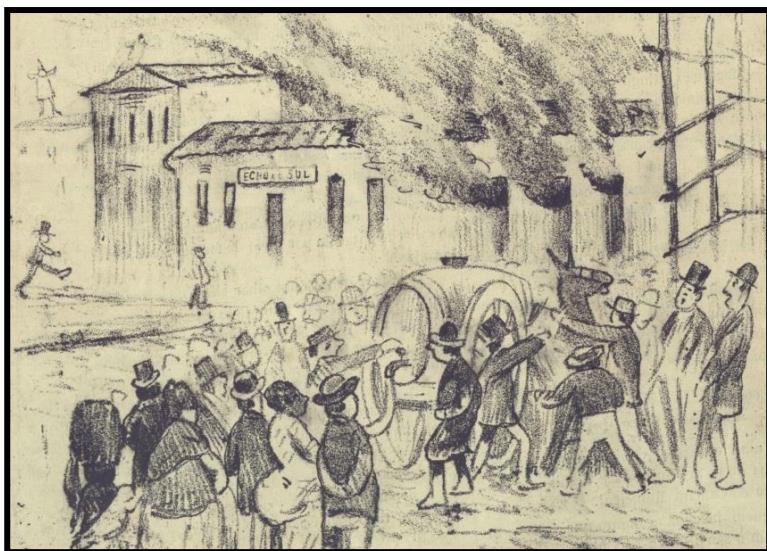
ilustrado. O primeiro deles revelava uma série de desacertos quanto às providências tomadas em relação ao sinistro. Primeiramente o periódico se referia ao aviso do acontecimento, destacando: “Fogo!... fogo!... fogo!... gritaram os badalos na noite de sexta-feira da semana passada, pondo em alarme a nossa pacífica população”. Diante do ocorrido, narrava que “nunca se viu tanta atividade, oficiais para aqui, policiais para acolá, pipas para cá, bombas para lá, tudo corria, tudo voava”, entretanto, “verificaram afinal que a pipa tinha se esgotado e... sem perda de tempo tocaram-se a procura da chave da hidráulica”, para, “depois de muito procurá-la de três horas de Seca e Meca descobriram”, que faltava água. Esta acabou sendo “suprida de uma carreta, mas o fogo, que não quis esperá-los, foi reduzindo tudo a cinzas” (BISTURI, 12 maio 1889). O outro caso foi o de uma ameaça de incêndio no forro do prédio da Alfândega, ocasião de uma nova série de claudicações. Nesse sentido, a folha noticiava que “houve aquela balbúrdia oficial do costume, mas os síndicos do fenômeno aduaneiro (que depois se tornou meteorologista) não davam em bola com a fumaça”, de modo que se “arrasou o zimbório, foi uma balburdia de pedreiros, carpinteiros, mestres de obras, comissão da barra, consulados e o episcopado da terra” e ainda “o diabo salvo seja”. Por fim, descobriu-se que não havia fogo, mas ficara “plenamente provado que havia fumaça”, em um quadro pelo qual, uns diziam “que foi efeito de um raio, que entrou disfarçado pela greta da torre”, enquanto outros argumentavam “que o incêndio proveio dos olhos do gato, olhos coruscantes, capazes de comunicar incêndio no depósito da hidráulica”. Com um gracejo o hebdomadário trazia o bobo da corte que

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

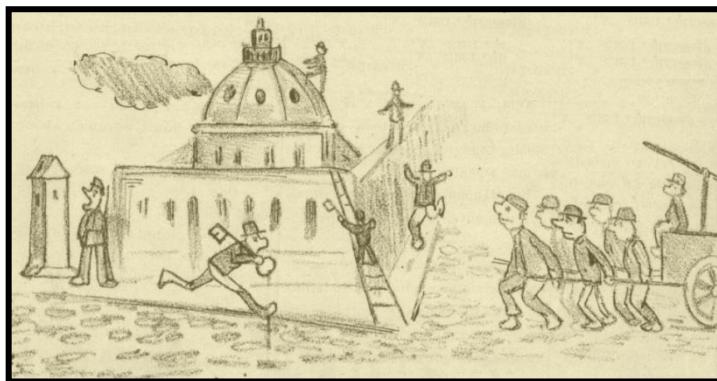
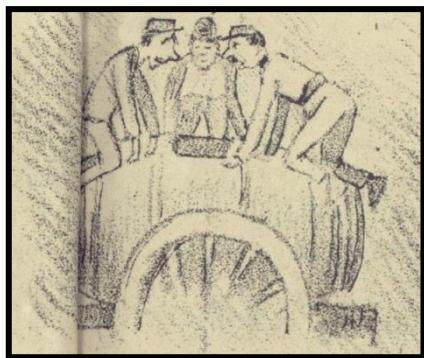
concluía: “Pois, senhores, até hoje ninguém houve que descobrisse a origem de tão estupendo caso...” (BISTURI, 21 set. 1890).

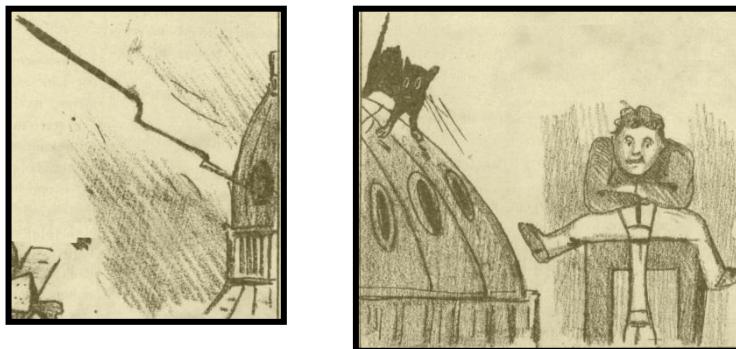
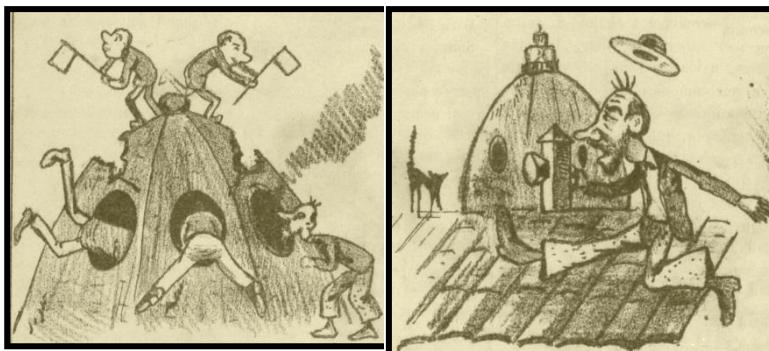


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO
SÉCULO XIX



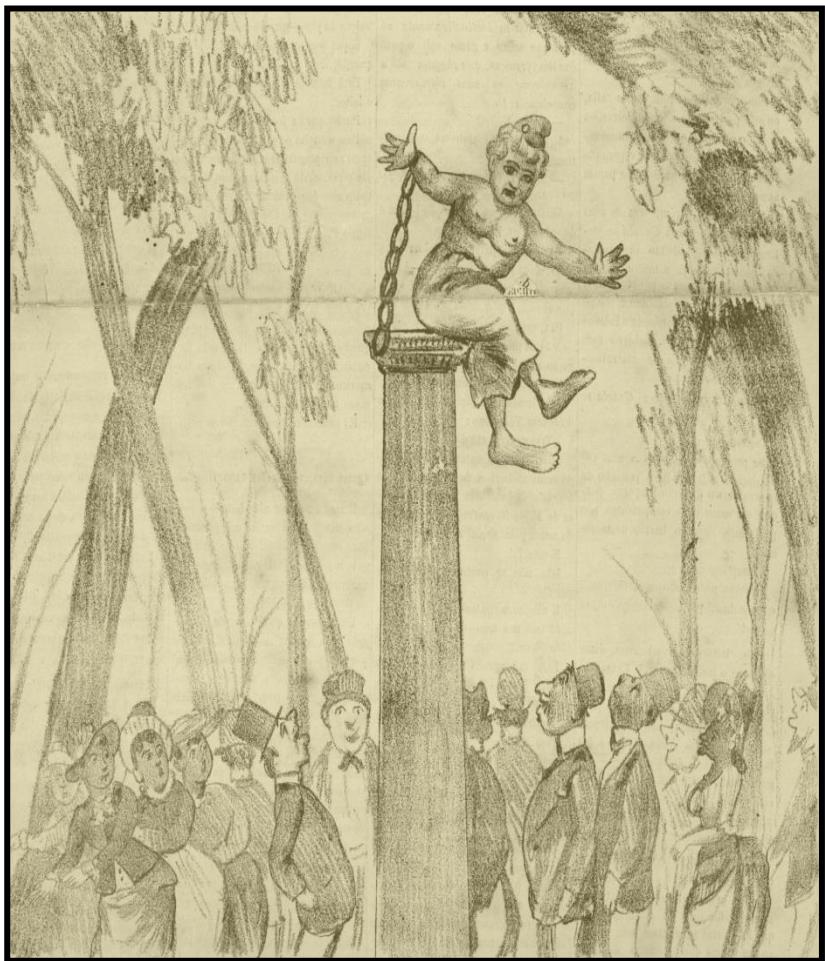


Cenas do cotidiano citadino também eram apresentadas pela caricatura do *Bisturi*, como ao mostrar uma delas em meio à praça pública com grande movimento de pessoas, na qual a figura estatária feminina alusiva à abolição da escravidão e à implantação da nova forma de governo ganhava vida – como só a arte caricatural poderia realizar – e descia de seu pedestal, reclamando da falta de comemorações pela passagem da data da extinção da escravatura. A estátua dizia: “Pois os senhores, neste dia memorável e solene... nem sequer soltaram um foguete!... e foi para isso que

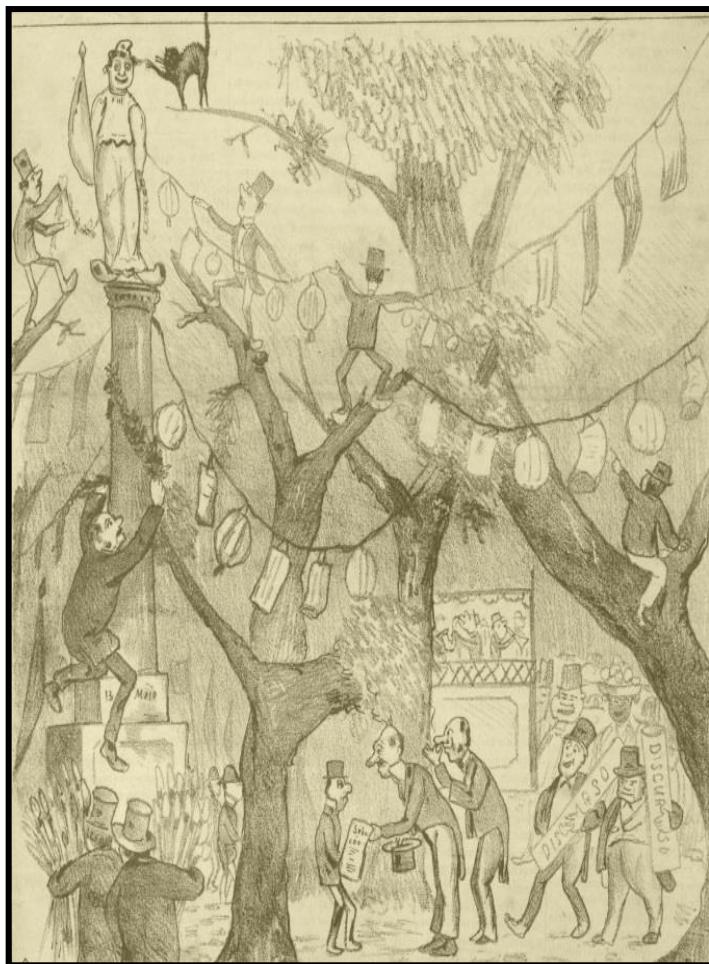
IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

me botaram em cima de um canudo tão cumprido, com esta pesada corrente presa ao braço"; e complementava: "pois olhem senhores, 13 de Maio, por tal preço não quero o trono, venha uma escada; estou farta de tanta impostura" (BISTURI, 18 maio 1890). Na mesma linha, o periódico mostrava a praça iluminada e embandeirada, como parte das festas em homenagem à solução de um dos maiores problemas citadinos, ligado às melhorias do acesso marítimo. Ainda assim, a folha não se mostrava convencida, tendo em vista os constantes adiamentos que tal medida sofreu historicamente, chegando a comentar: "Futuros festejos na Praça Municipal em regozijo à abertura da barra! Reina muito entusiasmo e muito dinheiro..." (BISTURI, 21 set. 1890). O cenário das docas do Mercado Público também se fez presente, com a descrição de que, em dias de excessivo calor, apareciam em abundância os "habitantes do mar, que têm tido um consumo extraordinário" (BISTURI, 28 set. 1890). Por ocasião de uma nova onda de temperaturas elevadas, o semanário informava que "os badalos da Matriz, na semana passada, começaram a alarmar a cidade dando sinais de falta de água hidráulica e o calor e os raios mortíferos do sol a abrasar a humanidade" (BISTURI, 4 dez. 1892).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO
SÉCULO XIX

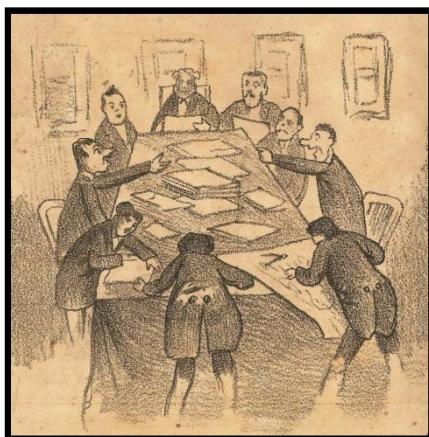




Ainda quanto à ordenação urbana citadina, o *Bisturi* publicou um conjunto de caricaturas que tratava tal tema de modo jocoso. Primeiramente o periódico mostrava uma reunião das autoridades municipais, na qual as mesmas planejavam uma reforma no núcleo urbano, que incluía um espaço dedicado às crianças, de modo que a caricatura transformava os próprios edis em meninos brincando. Segundo a folha “o assunto mais importante da semana é o projeto do Conselho Municipal que tem por fim o calçamento das ruas e arborização da Praça Tamandaré”, vindo a criar “também um jardim de recreio para a *infância*, como é de uso nas principais cidades da Europa. Parabéns aos nossos bebês...”. Carregando na ironia, o semanário utilizava sua criatividade imagética para apresentar a

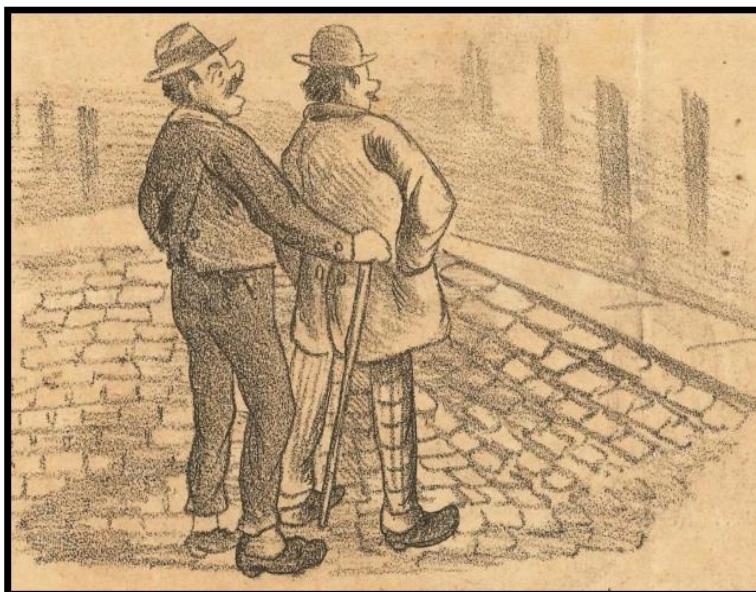
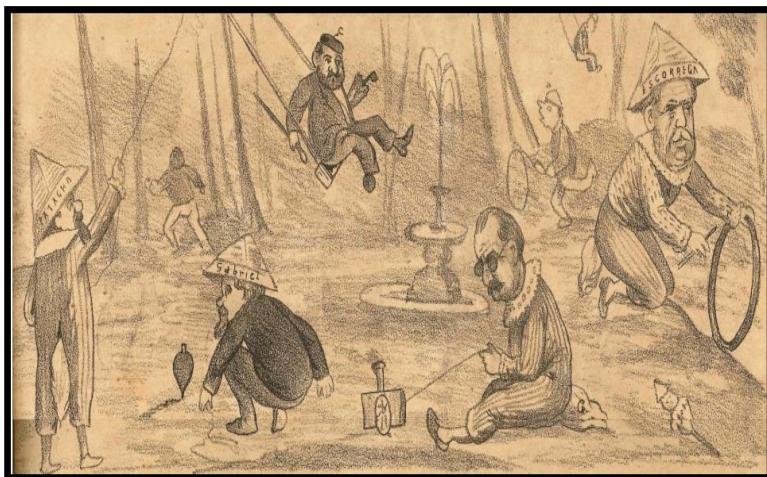
IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

qualidade propalada do novo calçamento, promovendo a admiração dos visitantes, evitando tombos e garantindo que homens e mulheres poderiam seguir a moda sem riscos de sujarem-se, bem como não haveria espaço para que se urinasse na rua, garantindo-se a manutenção da limpeza das vias¹⁹ (BISTURI, 7 ago. 1892).

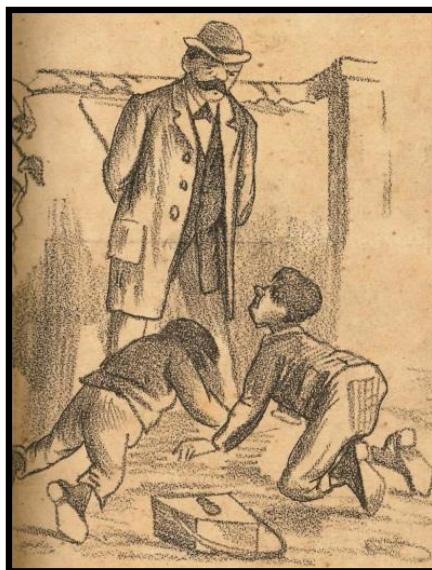
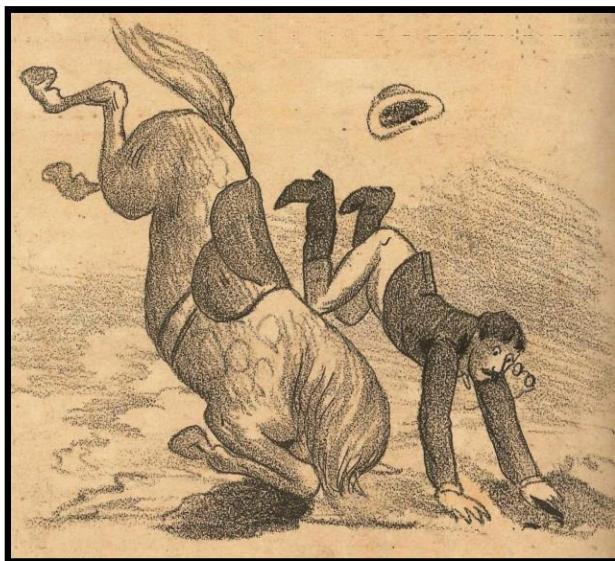


¹⁹ Parte da crítica e cômica legenda era: "Consta que o calçamento será no sistema de pa...ra...le...le...pí...pe...dos... Vamos causar verdadeiro assombro ao estrangeiro que nos visitar. - Não teremos mais medonhos barrancos, causas de muitas desgraças. O Procopinho e outros *creves* podem andar sem susto... - Vamos sempre de botas lustradas, livres dos pântanos das ruas e das pragas dos e engraxates... - pode voltar a elegante e vistosa moda das longas caudas, sem o mínimo receio se ser enxoalhadas... - depois tratará do vergonhoso lajeamento de algumas ruas... - e dos mictórios públicos! coisa indecentemente desprezada até hoje, apesar das contínuas reclamações da imprensa para essa pouca vergonha... - Um brinco a nossa cidade se realizarem-se todas as promessas.

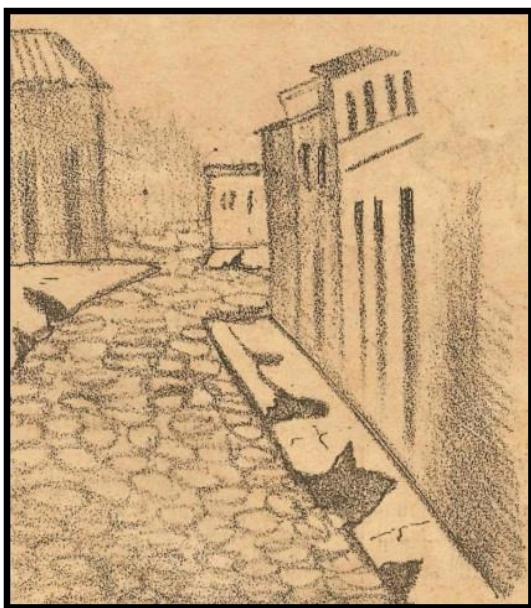
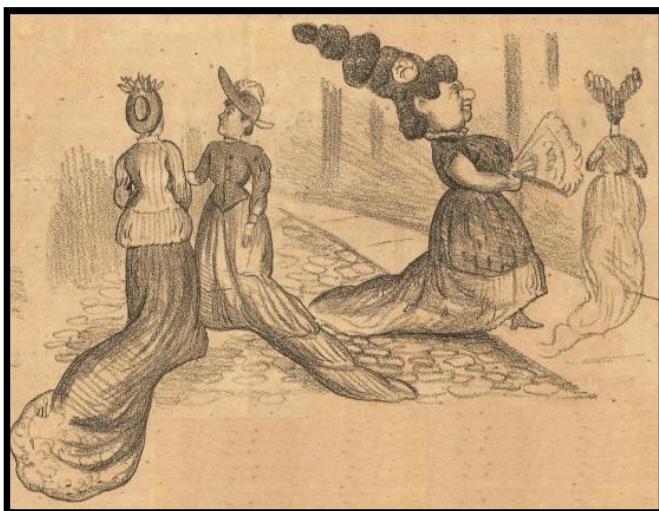
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



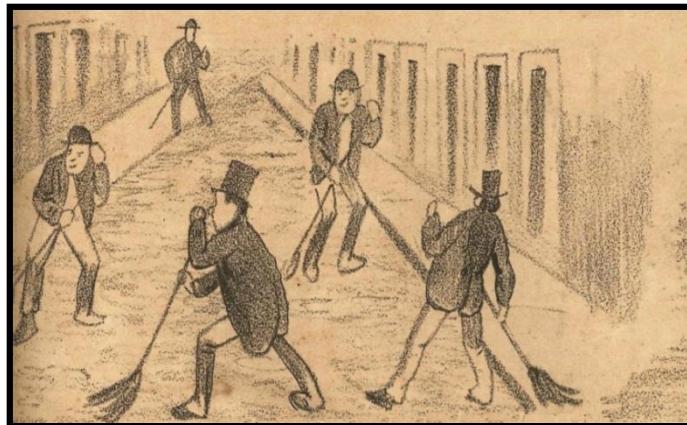
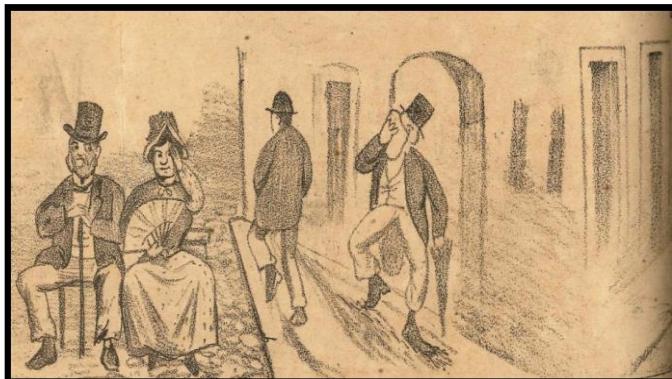
IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO
SÉCULO XIX



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX



O *Cabrion* foi uma publicação voltada à apresentação de caricaturas que circulou na cidade de Pelotas, entre 1879 e 1881. Bem expressivo, seu título se derivava da propalada similitude com o indivíduo que importuna ou persegue outro. Ao apresentar-se, o personagem que representava o periódico, de crayon à mão, dirigia-se ao público, dizendo que pretendia corrigir com seu lápis algumas das coisas da cidade. Ao

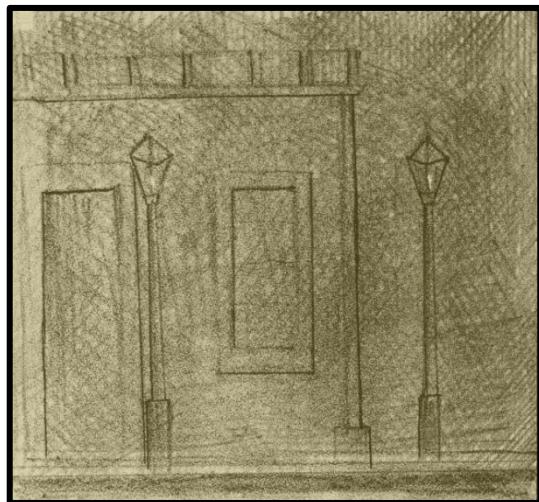
expressar seu conteúdo programático, o semanário afirmava que ocuparia o seu lugar “no alcazarino banquete da imprensa que firma sua existência na gargalhada”, a qual “rebenta franca e expansiva”. Propunha-se a “perseguir a desonestade, o abuso, a toleima e a vilania” e a manter “um culto para o bem, uma homenagem de justiça para o mérito”, além de consagrar “todos os seus esforços em prol da democracia legítima”. Garantia tratar com desprezo “a política de campanário, a falsa política que amesquinha caráteres e degrada a opinião”, vindo a ser “severo apreciador dos atos de todos os partidos e de seus pró-homens”. Em síntese, afirmava que iria rir “em face de tudo e de todos”, mas ao fazê-lo, seria “sem ferir, sem motejo” e “sem o escárnio maligno e estúpido”²⁰ (CABRION, 10 fev. 1879).

Já na sua primeira edição, ao demarcar sua apresentação, o *Cabrión*, em sua parte ilustrada, tecia comentário sobre o processo de urbanização pelotense, ao mostrar uma rua às escuras, com as luminárias apagadas, vindo a constatar: “Não se pode dizer que o *Cabrión* veio à luz, porque nasceu à noite e a iluminação de Pelotas, façam-nos o favor!...” (CABRION, 10 fev. 1879). As críticas do semanário para com o quadro

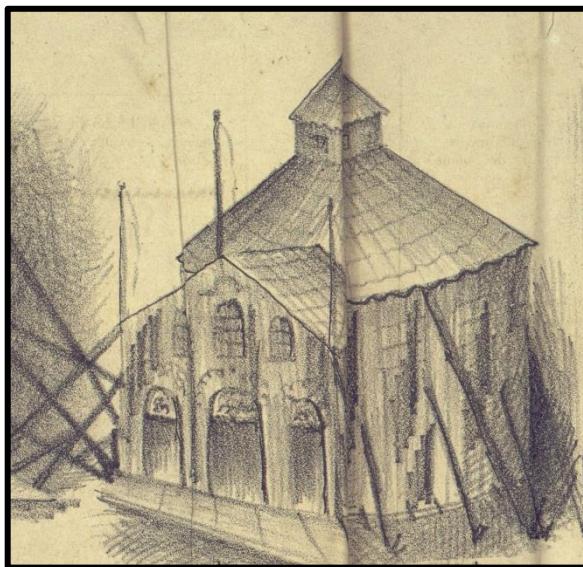
²⁰ A respeito do *Cabrión*, ver: FERREIRA, 1962, p. 199-208.; ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019, p. 35-36.; e ALVES, Francisco das Neves. A representação através do feminino na caricatura pelotense oitocentista. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 9-10.

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

urbano estendiam-se à cidade vizinha do Rio Grande, caso do mercado público, sobre o qual comentava que “a pintura exterior do mercado é de uma completa originalidade e cores duvidosas”; e também ao prédio do rinque de patinação, que estaria em péssimo estado, sustentado por sarrafos. O olhar censório voltava a recair sobre o cenário pelotense, como foi um chafariz em uma praça pública que mereceu uma comparação pouco lisonjeira: “Cá por Pelotas também a originalidade tem lugar de honra”, pois “o jardim da Pedro II faz competência a um curral de vacas”, sendo no mesmo lugar criticada ainda a qualidade das calçadas, já que, “devido à originalidade do calçamento, só de asas é permitido sair à rua em dias de chuva”. Em conclusão, enfatizava a sujeira do lugar, uma vez que “a originalidade do asseio é em tudo digna dos senhores fiscais nem ao menos se lembrarem do próximo” (CABRION, 17 fev. 1879).



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

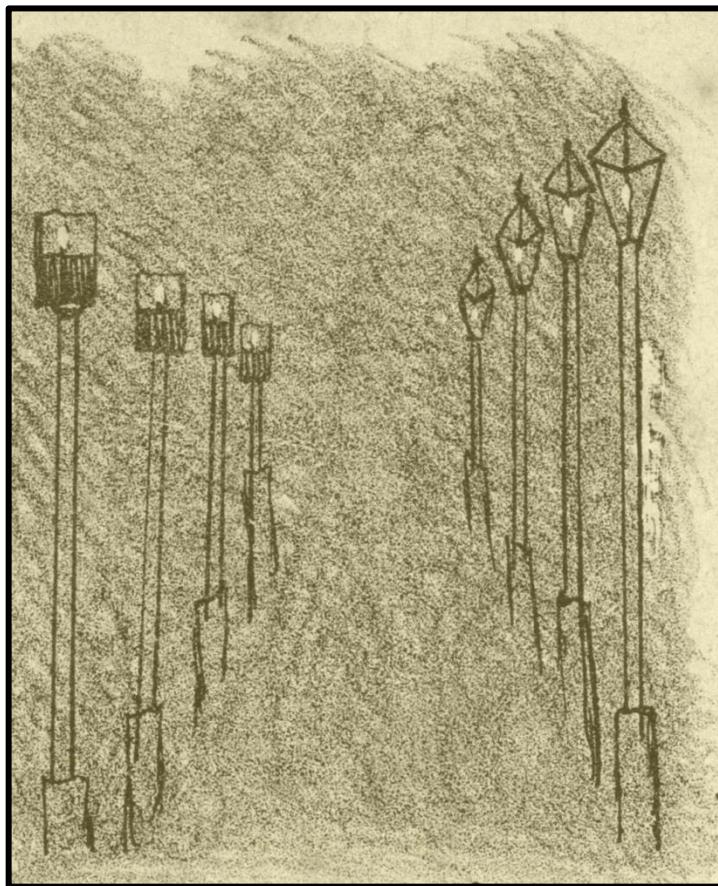


IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX



A iluminação citadina voltava a ser tema do *Cabrión*, criticando suas limitações, ao notificar que o pedido da imprensa “à companhia do gás não foi geralmente atendido em certas ruas desta cidade”, mostrando as falhas no sistema de lampiões (CABRION, 16 mar. 1879). Tal problema tornou-se cada vez mais recorrente, pois a folha chegou a publicar uma capa tomada pela escuridão, contendo apenas alguns esparsos e imperceptíveis pontos de luz, tendo por legenda a lacônica expressão: “Iluminação pública!!!...”. O assunto era complementado pelo artigo “Trevas!!”, segundo o qual “o gás virou lamparina e os gatunos batem palmas”, pois “surgem vultos duvidosos pelos beco e travessas”, enquanto “a polícia dorme o tranquilo sono que dormia Napoleão antes da batalha de Waterloo”. A

análise de tal situação ganhou ares jocosos, com a constatação de que “bem dizem os antigos – felizes tempos em que a cidade era iluminada à *azeite de mocotó*” (CABRION, 1º jun. 1879).

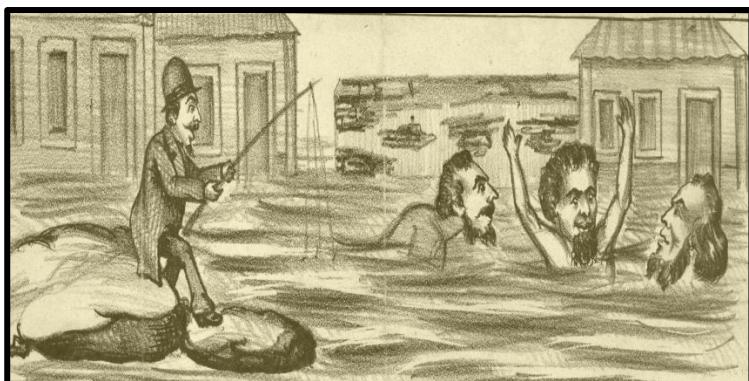
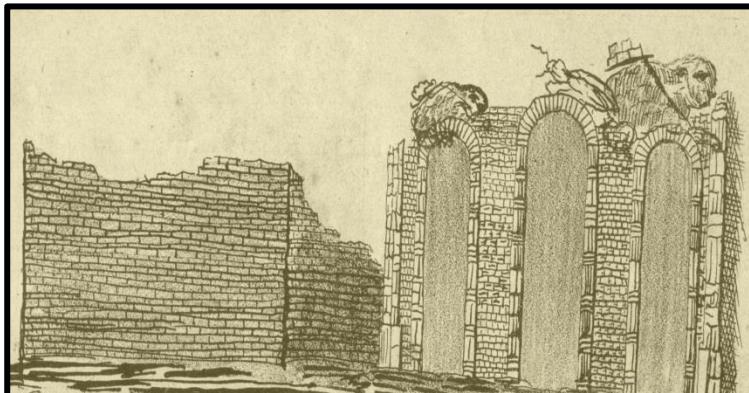


IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX



A demora no erguimento de prédios também foi notada pelo semanário caricato, ao apresentar o estado das construções e explicitar que “a diretoria da Biblioteca Pública mandou vir do Rio de Janeiro preguiças e caranguejos para acabar a obra mais *depressa*”, ao passo que, “os alicerces da velha matriz estão crescendo”, não sendo possível saber “qual das duas obras aprontar-se-ão mais cedo” (CABRION, 16 mar. 1879). As enchentes constituíam outra preocupação do hebdomadário, que, com seu veio cômico, mostrava uma rua tomada pelas águas, com os moradores chegando a pescar ou nadar em seu percurso, dizendo a folha que “é tal o estado da Rua General Vitorino, da

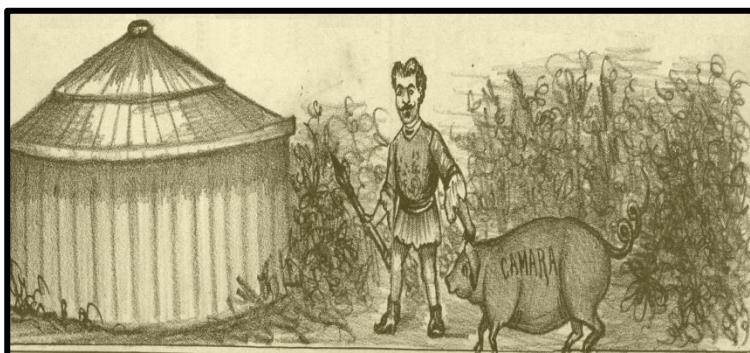
praça ao estaleiro, que qualquer dia teremos que lamentar alguma catástrofe", de modo que exortava: "Piedade para o público, senhores edis! Piedade, senhores fiscais" (CABRION, 27 jul. 1879).



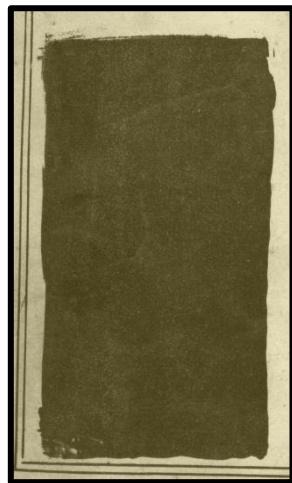
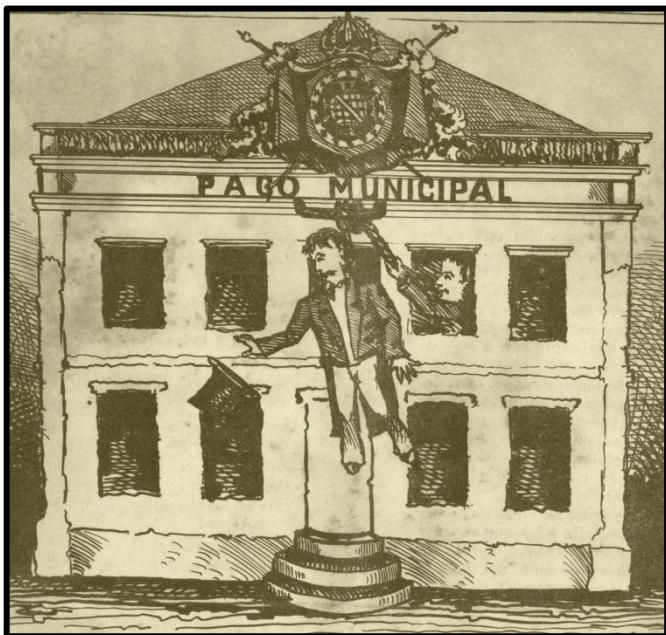
O personagem que identificava o periódico acompanhava a Câmara Municipal, transmutada em um porco, com a adjetivação negativa que caracterizava tal figura, em relação à precariedade dos serviços prestados,

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

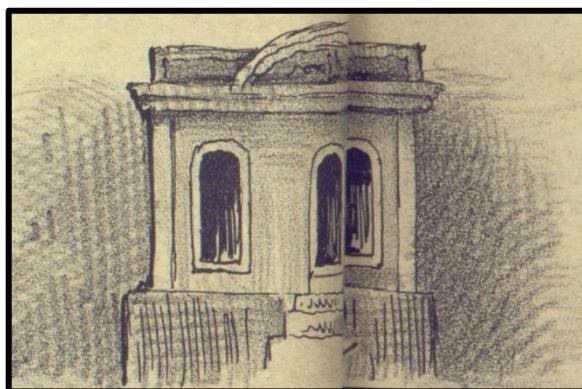
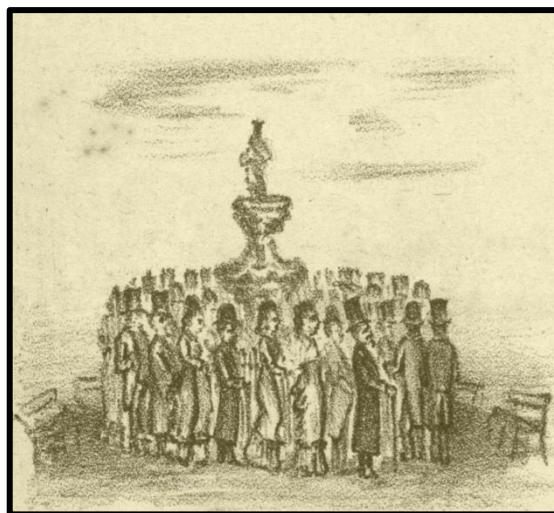
vindo a questionar qual seria o destino do rinque de patinação: “Exma., finda a febre da patinação, onde pretende metê-lo para ver se assim tem mais amor ao progresso de nossa terra”, pois “do contrário será mais um casebre para... grilos?...” (CABRION, 27 jul. 1879). Em referência ao prédio do Paço Municipal, a folha realizava mais um gracejo no que tange a um defeito estrutural no mesmo: “Visto o Sr. Romualdo não ter dado na planta deste edifício lugar para a escada do sobrado, a Câmara resolveu mandar construir este guindaste”, facilitando “a ascensão dos seus membros”. A escuridão urbana voltava a ser pauta do semanário, de acordo com o qual “a iluminação pública tem dias que vira a cara para outro lado e mostra-nos não sei o que...”, estampando apenas um borrão preto no formato de um retângulo (CABRION, 14 mar. 1880). O hebdomadário ainda viria a apontar a escassez de pontos de passeio citadinos, como ao referir-se à “romaria ao chafariz”, na qual “a gente cansa-se de dar tanta volta” (CABRION, 16 maio 1880) e voltava a abordar a questão da demora nas obras de edificação do prédio da Biblioteca (CABRION, 8 ago. 1880).



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX



Entre 1887 e 1890, em Pelotas, circulou a revista voltada à arte caricatural *A Ventarola*, que se apresentava como “folha ilustrada e humorística”. O periódico teve por personagem que lhe representava o bobo da corte, o qual levava em uma das mãos o crayon – instrumento do caricaturista – e, na outra, o leque sem varetas que servia

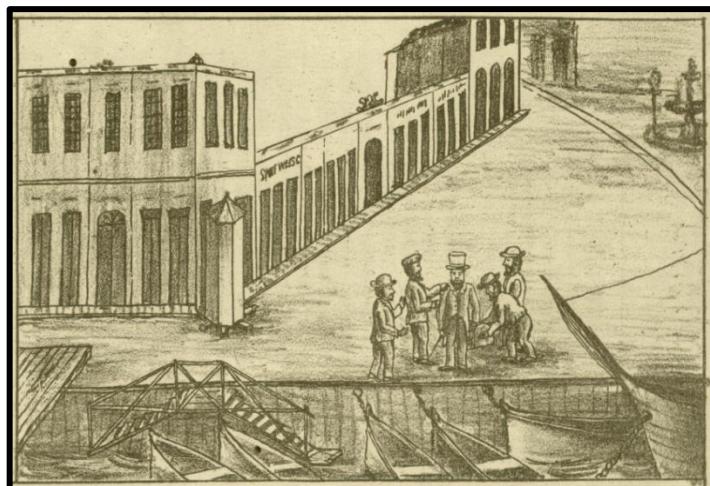
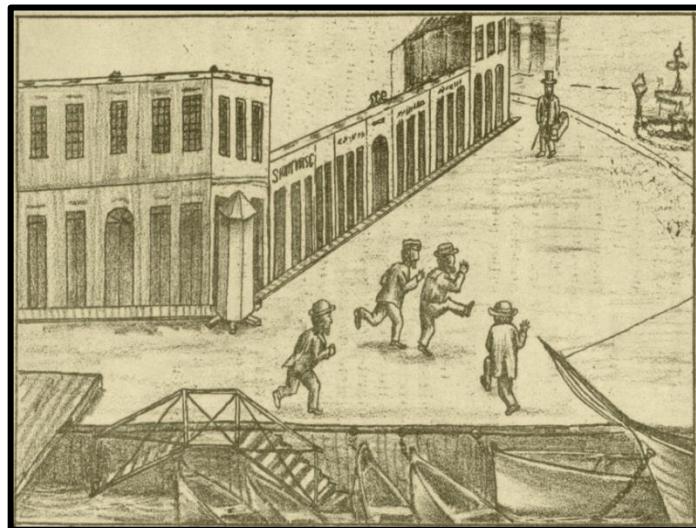
de título para o semanário. O programa da publicação foi expresso por meio de versos, nos quais se definia como “catita, perfumada e faceira”, sempre à busca de leitores. Dizia que seu destino seria o de “rir, pular, folgar, dançar” e “abrir” o rosto de seu público, que, além de abanar-se com ela, poderia assiná-la. Além disso, destacava que seria “com açúcar seu crayon adocicado” e, “em alfinete a pena convertendo”, viria a seguir um “prolóquio bem velhinho - *castigat mores ridendo*”²¹ (A VENTAROLA, 10 abr. 1887).

Uma incursão da *Ventarola* ao contexto urbano foi relacionada ao âmbito portuário, apresentando detalhes do cais e dos armazéns e descrevendo um ambiente bastante confuso. O tema era a voracidade dos empresários que ali atuavam, os quais, quando “da chegada dos paquetes, desenvolvem uma atividade fenomenal”, correndo “desesperados atrás da freguesia, a que deixam embaracada na escolha”, com as mercadorias sendo puxadas para todos os lados, acabando “os puxões em grossa bordoeira, que por vezes chega ao lombo do viajante” (A VENTAROLA, 8 maio 1887). A região portuária voltaria às construções iconográficas do periódico, desta vez mostrando um

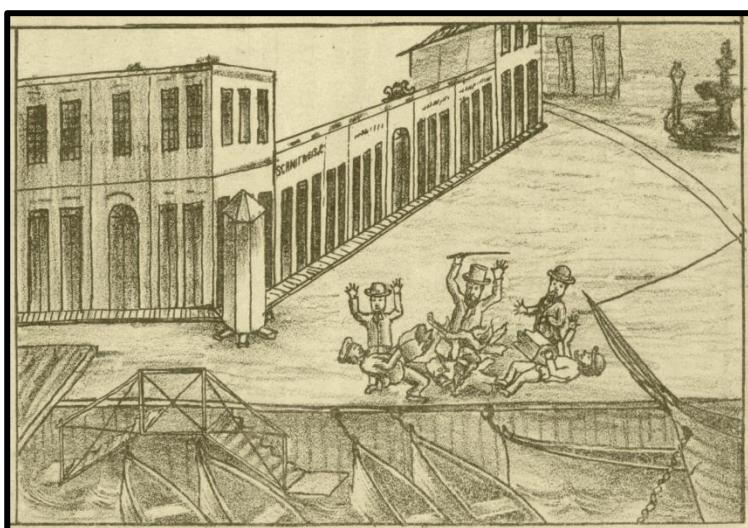
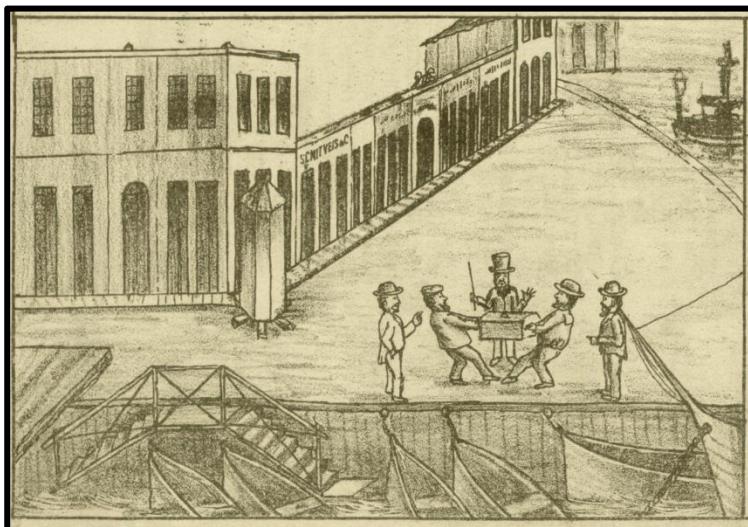
²¹ Acerca de *A Ventarola*, ver: FERREIRA, 1962, p. 209-220.; ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019, p. 66-69.; e ALVES, Francisco das Neves. A representação através do feminino na caricatura pelotense oitocentista. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 45-46.

IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

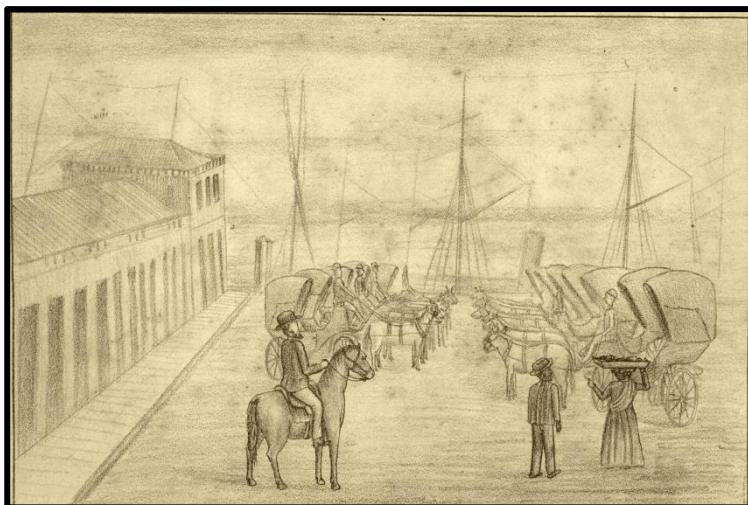
aspecto mais ordenado na recepção de produtos e viajantes (A VENTAROLA, 16 out. 1887).



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

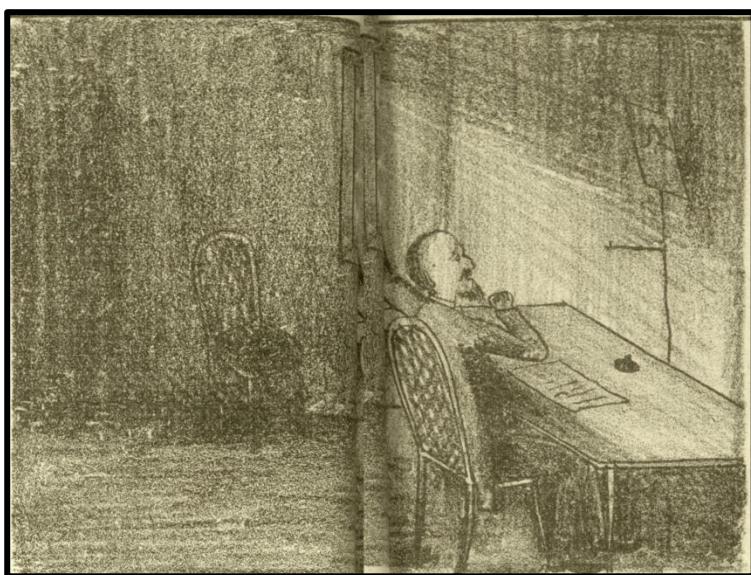
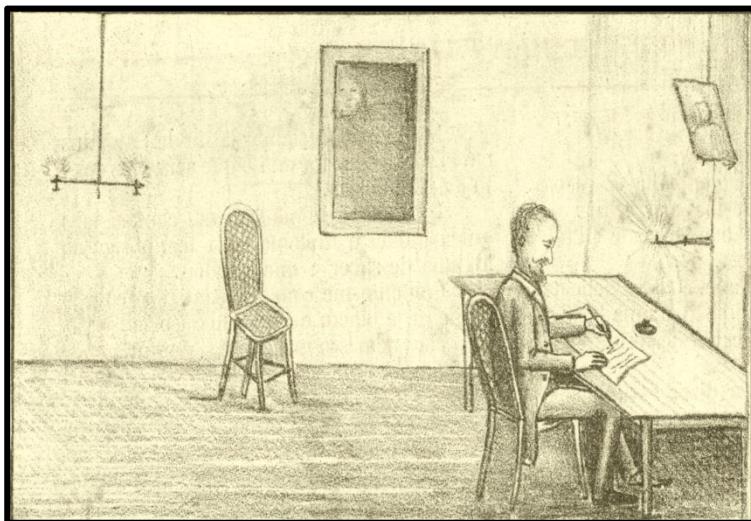


IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

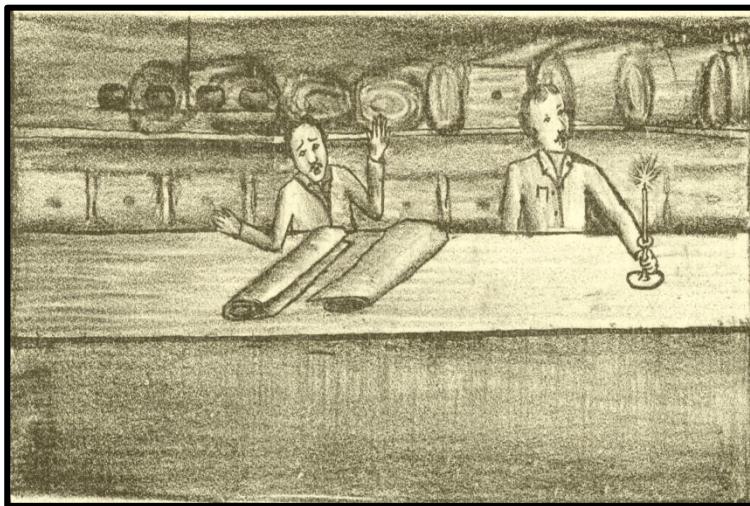
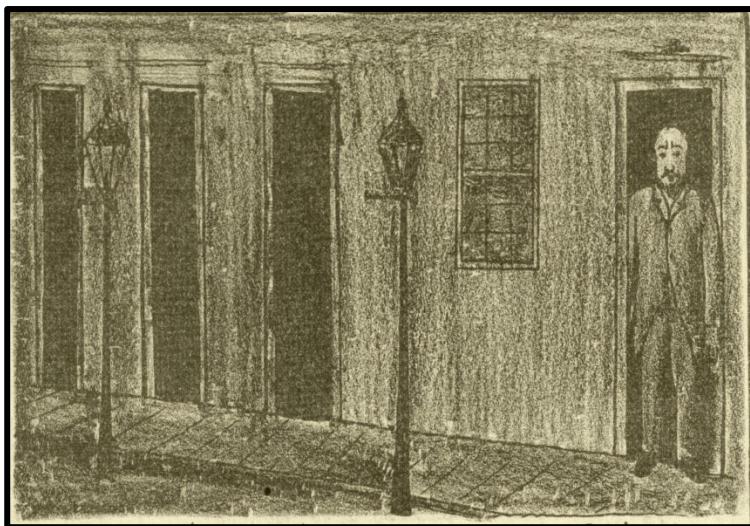


A iluminação pública foi comentada pela folha humorística por meio de conjunto caricatural acerca dos “quadros da atualidade à noite”, referindo-se à escuridão da cidade, a qual atrapalhava as atividades de vários profissionais, como um escriturário, que parava de trabalhar para verificar o que ocorreu, os lojistas, que “acendem velas, furiosos, rogando pragas aos gasistas”, os taberneiros que xingavam contra a “ladroagem” dos fornecedores de gás e a própria polícia, que “procura com archotes ver onde está a luz”, constatando que nos lampiões é que ela não estava. Ao final, o bobo da corte encontrava a culpa de tal situação, localizando-a nos conchavos entre o poder público e os fornecedores de serviço, em detrimento dos interesses da população, de modo que chegava a desejar que viesse “de uma vez a tal luz elétrica” (A VENTAROLA, 12 jun. 1887).

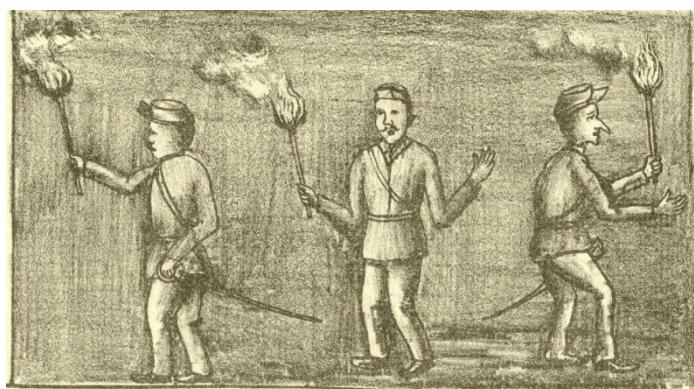
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



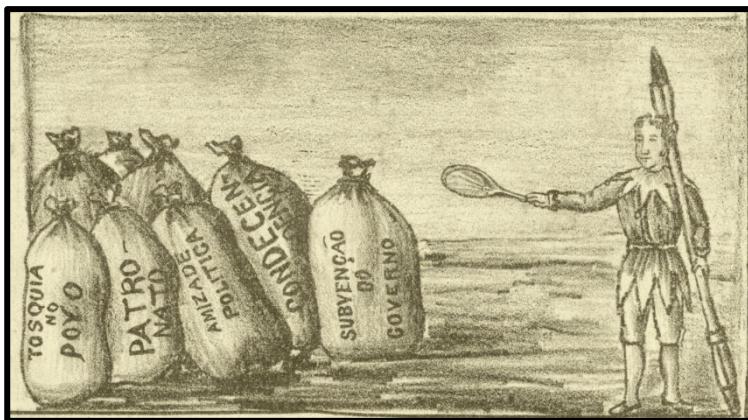
IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO
SÉCULO XIX



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



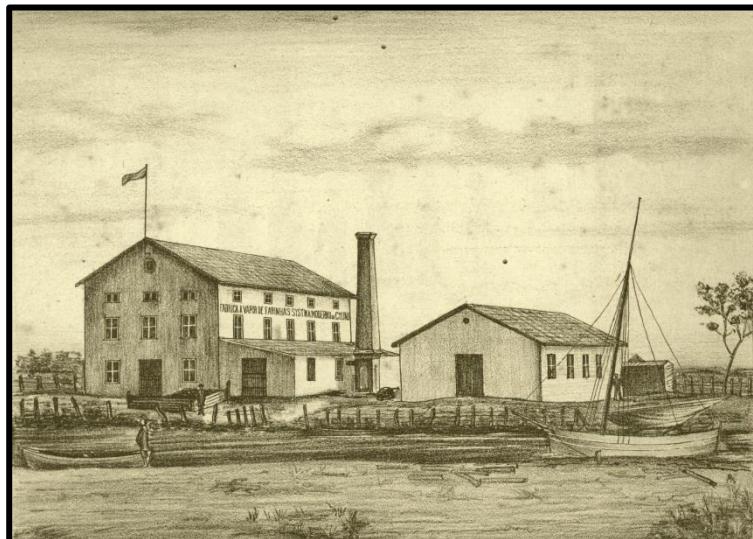
IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX



Os progressos citadinos também apareceram nas páginas da *Ventarola*, como ao ressaltar a ação da “grande fábrica a vapor de farinhas *Pelotense*. A publicação tecia elogios ao proprietário da empresa, por “dotar a cidade de um estabelecimento de primeira ordem”, uma vez que seria “a primeira em seu gênero em todo o Brasil, possuindo as mais aperfeiçoadas máquinas que estão em uso na culta Europa e nos Estados Unidos” (A VENTAROLA, 11 set. 1887). Mas as críticas não cessavam, como uma relacionada à falta de calçada em um logradouro público, com a denúncia de que “os habitués do passeio da praça Pedro II estão com a paciência esgotada por tanta demora na conclusão do calçamento da mesma”, já que “estão privados de gozar as boas noites de luar” (A VENTAROLA, 27 nov. 1887). A síntese entre os avanços e retrocessos da urbanização pelotense foi realizada pelo hebdomadário ao comparar dois ambientes citadinos, um em revitalização, outro em decomposição, vindo a demarcar a arborização “da

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

praça Henrique D'Ávila e o *esbodegamento* do nosso porto" (A VENTAROLA, 7 out. 1888).



IMAGENS URBANAS NA CARICATURA GAÚCHA DO SÉCULO XIX



Assim, a observação dos espaços urbanos “através de suas imagens” traz consigo “o reconhecimento de experiências diferentes”, permitindo “pensar o espaço público como algo que pode ser visto, mesmo que precise ser desvelado para além de sua

materialidade específica". Nessa perspectiva, trata-se de uma "representação que ao mesmo tempo integra a realidade como percepção presentificada", surgindo a partir daí, a "imagem *da* cidade e também *na* cidade"²². A imprensa ilustrada e humorística sul-rio-grandense destinada à expressão da arte caricatural, de acordo com seu espírito crítico-opinativo, humorado e moralizador, não perdeu oportunidades para apresentar certos microcosmos da urbanização das três principais cidades gaúchas nas décadas finais do século XIX, revelando alguns dos alcances e muitos detalhes acerca dos percalços advindos da expansão urbano-demográfica.

²² MESQUITA, Zilá & SILVA, Valéria Pereira da. Lugar e imagem: desvelando significados. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n. 34, jul. - dez. 2004, p. 118-119.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta e a Biblioteca Rio-Grandense reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE



ISBN: 978-65-5306-044-9